

TÉCNICAS DE REDAÇÃO

Esta apostila foi produzida por
ACHEI CONCURSOS
<http://www.acheiconcursos.com.br>

Aqui você encontra aulas, apostilas,
simulados e material de estudo diverso
para se preparar para os principais
concursos públicos do Brasil.

A proposta do livro

Meu Deus do céu, não tenho nada a dizer. O som de minha máquina é macio. Que é que eu posso escrever? Como recomendar a anotar frases? A palavra é o meu meio de comunicação. Eu só poderia amá-la. Eu jogo com elas como se fossem dados: adoro a fatalidade. A palavra é tão forte que atravessa a barreira do som. Cada palavra é uma idéia. Cada palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento. Devemos modelar nossas palavras até se tornarem o invólucro mais fino dos nossos pensamentos.

(Clarice Lispector - A descoberta do mundo Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984)

... De qualquer forma o prazer não implica facilidade, ele é trabalho e procura e construção: o prazer da escritura não se separa do prazer da leitura. Quem escreve é o primeiro leitor de si próprio.

(Joaquim Brasil - O impossível prazer do texto - Leitura: Teoria & Prática, ABL/UNICAMP, 1993, nº 22)

Você sabe que as palavras nos singularizam enquanto seres capazes de razão, de emoção, de imaginação... e, quando comunicamos nossas mensagens, seres plenamente capazes de linguagem. Mas, onde estão as palavras? ... Cada um de nós se pergunta a cada situação de mudez, de impotência diante dos sentimentos e pensamentos que buscam sair do limbo, que precisam traduzir-se em opiniões, argumentos, histórias, enfim, em intervenções na realidade.

E, no entanto; sabemos a resposta: as palavras estão dentro de nós, elas nos revelam à medida que vencemos os bloqueios e as camisas-de-força que as reprimem.

Nesta apostila, vamos procurar reconquistar nossas palavras.

Aquelas palavras que fogem, quando é preciso redigir.

As palavras com as quais - se souber articulá-las - você povoa o mundo de sua humanidade, de sua competência, da especificidade que possui, enquanto produtor de um texto próprio. O texto próprio é aquele que não se confunde com nenhum outro, embora obedeça a técnicas e orientações comuns.

Pensando especificamente na linguagem escrita, a proposta deste trabalho consiste justamente em apresentar técnicas e orientações sobre redação, conjugando-as com a necessidade de originalidade. Talvez a mais importante de todas, num mundo cada vez mais massificado, mais achatador das diferenças, e, portanto, mais pobre de dizeres expressivos.

O objetivo primordial é orientar, do ponto de vista técnico e criativo, a prática da escritura do texto, em suas diversas modalidades e contextos de produção, para qualquer situação em que seja necessário redigir, e também para o exercício da linguagem escrita enquanto atividade vital da Expressão e da Comunicação humanas.

Portanto, se gostar da apostila, se a manusear a cada consulta com maior familiaridade, você com ela vai se sentir seguro, se saber capaz de enfrentar as redações que lhe são solicitadas nos exames vestibulares, nos concursos, nos desafios profissionais, no dia-a-dia da escola, do trabalho, dos relacionamentos.

Trata-se, enfim, de uma apostila para a vida, para deflagrar algo que lhe pertence e que busca espaço de expressão, dentro de você: a sua linguagem, os seus pontos de vista, a

descoberta da travessia rumo ao amadurecimento de sua capacidade de interlocução que se dá pelas palavras que tem; reinventadas.

Escrevendo com gosto, com imaginação motivada pelo desejo, provavelmente você escreverá melhor e mais expressivamente, do que se optar por fórmulas prontas, pensando apenas em supostas facilidades. A sabedoria está em conjugar lucidez e poeticidade, lógica e criação. Pensar criadoramente, com lógica; criar logicamente, com imaginação.

Como se organiza e como utilizar a apostila

Esta apostila possui três grandes núcleos - Descrição, Narração, Dissertação - os quais correspondem aos três tipos de textos fundamentais.

Em torno de tais núcleos são abordadas, em forma de verbetes e/ou de unidades temáticas, as principais características das modalidades. Esta abordagem priorizará sua utilização prática, isto é, focalizará, através de exemplos comentados, os meios de operacionalizá-las com competência técnica e capacidade criadora.

Assim, após uma apresentação geral, significativamente denominada **Dicas e Pressupostos para a realização de um bom texto**, passaremos aos núcleos propriamente ditos.

O núcleo I será dedicado à **Descrição**, o núcleo II à **Narração** e o núcleo III à **Dissertação**.

De acordo com seus interesses, suas dúvidas e necessidades, você escolhe o seu roteiro de leitura, tanto em relação ao(s) verbete(s) temático(s) no(s) qual(is) quer se concentrar, quanto em relação ao(s) tópico(s), dentro de cada um deles, que pretende desenvolver.

Trata-se, enfim, de uma obra de consulta, que substitui a leitura linear por aquela instigada pelos objetos e objetivos de conhecimento e de reflexão surgidos no cotidiano, à propósito de situações concretas de produção textual.

Apresentação Geral: pressupostos e sugestões para a realização de um bom texto

Seja como for, todas as "realidades" e as fantasias" só podem tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfos obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns nos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

(Ítalo Calvino - Seis Propostas para o Próximo Milênio - São Paulo, Companhia das Letras, 1990)

Neste espaço introdutório, vamos enumerar alguns pressupostos básicos necessários para uma boa produção textual, independentemente da modalidade escolhida. Vamos, também, relacionar tais pressupostos com sugestões que lhes facilitem a compreensão e a operacionalização.

Leia e releia cada uma das orientações, sem se preocupar com detalhes sobre a forma de viabilizá-las, na especificidade de cada tipo de texto redigido. Seu conteúdo será retomado ao longo de toda a apostila, nos verbetes e tópicos apresentados.

- Ter o domínio correto da língua e o conhecimento de seus mecanismos básicos, em termos de estrutura / coerência / vocabulário / clareza / correção de linguagem.

Para atingir este pressuposto, é necessário familiarizar-se com a língua escrita culta, o que conseguimos por meio da leitura de diversos tipos de textos e também da consulta sistemática a gramáticas e dicionários.

- Ter a capacidade de deflagrar e de organizar idéias: saber conjugar "inspiração" e "transpiração".

Organizar as idéias, necessariamente, opõe-se à fragmentação com que aparecem em nossa mente. Pensamos numa velocidade e escrevemos em outra. Precisamos, então, para escrever, por um lado permitir e incentivar o fluxo de nossas idéias, e por outro organizá-las, isto é, perceber e explicitar as relações que há entre elas.

Para a realização eficiente deste processo, é necessário primeiro respeitar os mecanismos da chamada "inspiração", ou seja:

MOMENTO CRIADOR: INSPIRAÇÃO

- ◆ Não inibir o que vem à mente a partir da necessidade de escrever algo, seja o que for.
- ◆ Rascunhar o que for aparecendo com a preocupação única de ser fiel ao fluxo de percepções, intuições, divagações, sentimentos, pensamentos etc, deflagrados pelo tema proposto (lembre-se de que "palavra-puxa-palavra": você precisa conquistar um ritmo de desenvoltura e de familiaridade com a palavra escrita, para que por meio dela se perceba mais criativo; suas palavras, liberadas, podem surpreender-lhe positivamente a auto-imagem, enquanto ser capaz de expressão, de comunicabilidade e, portanto, de linguagem).
- ◆ Transformar em hábito tal procedimento, sistematicamente anotando observações, *insights* e opiniões sobre o que acontece de interessante no cotidiano, seja em experiências vividas, seja em leituras, em contato com as pessoas, a TV, o cinema etc.

MOMENTO DE ARQUITETURA: "TRANSPIRAÇÃO"

Em seguida, é hora da "transpiração": a montagem do texto, a escolha do que deve ficar e do que deve sair; se necessário, acrescentar algumas coisas e retirar outras, "enxugando" e "refinando" o que escreveu. Consulte uma gramática e um dicionário para a realização da tarefa. Após esta seleção, ordenar as frases, fundamentalmente a partir de dois critérios:

- ◆ Perceber a diferença entre o principal e o secundário, hierarquizando a seqüência de parágrafos de modo a tornar claro, legível e interessante o seu texto ao leitor.
- ◆ Saber conciliar ponto de vista, opinião, tomada de posição com argumento, fundamentação, subsídio para que aquilo que você viu, relatou ou questionou tenha consistência fora de você, isto é, possua vínculo lógico com o real e ao mesmo tempo possa despertar prazer em quem lê.

Seja num tipo de percepção sobre um determinado objeto que pretende descrever, seja no sentido de um evento real ou imaginário que almeja narrar, seja numa tese que gostaria de defender, isto é, na Descrição, na Narração e/ou na Dissertação, a base do bom texto está no equilíbrio entre afirmar (ou sugerir) e subsidiar com elementos pertinentes a afirmação.

- ◆ Pensar criadoramente, com lógica; criar logicamente, com imaginação: nunca devemos nos esquecer de que um bom texto ao mesmo tempo deve convencer (por meios lógicos) e persuadir (por meios retóricos), quer dizer, deve chegar à razão, à inteligência, e também ao coração, aos sentimentos. Por isso, não podemos separar uma coisa da outra; ao contrário, é fundamental saber conjugar lucidez e poesia, lógica e criação. Assim, o que temos a expressar revela ao mesmo tempo saber e sabor, o que seduz e portanto engaja quem nos lê ao nosso texto.
- ◆ Adquirir e/ou depurar uma constante prática de leitura: o ato de escrever está muito ligado ao ato de ler. Ambos devem ser realizados de maneira crítica, atenta, quer dizer, não mecânica nem passiva, tomando-se o leitor um criador, capaz de pensar por si mesmo e ao mesmo tempo de dialogar criticamente com o que lê para produzir o seu texto.
- ◆ Relacionar texto e contexto, ou seja, o tipo de texto a ser produzido precisa ser compatível com a situação concreta que deflagra a sua produção. Assim, ao fazermos um relatório, um memorando, uma circular etc, devemos cuidar sobretudo da precisão do vocabulário, da exatidão dos pormenores e da sobriedade da linguagem. Por outro lado, ao realizarmos uma narração imaginativa: (por exemplo para criar um texto publicitário, ou de ficção), a elegância e os requisitos da expressividade lingüística - como os tons afetivos e as explorações de

polissemia - são prioridades. Entretanto, estas coisas não são estanques: o esclarecer convencendo e o impressionar agradando andam juntos, como veremos ao longo de todo o livro.

1º NÚCLEO - DESCRIÇÃO

1 - Definição: o que é descrever

Descrever é representar com palavras um objeto - uma coisa, uma pessoa, uma paisagem, uma cena, ou mesmo um estado, um sentimento, uma experiência etc - fundamentalmente por meio de nossa percepção sensorial, nossos cinco sentidos: visão, tato, audição, olfato e paladar.

No texto descritivo, o sujeito cria uma imagem verbal do objeto - entenda-se a palavra no sentido mais amplo possível -, dando suas características predominantes, apresentando os traços que o singularizam, de acordo com o objetivo e o ponto de vista que possui ao realizar o texto.

Leitura Comentada: Um Texto Descritivo

Ela possuía a dignidade do silêncio. Seu porte altivo era todo contido e movia-se pouco. Quando o fazia, era como se estivesse procurando uma direção a seguir; então, encaminhava-se diretamente, sem desvios, ao seu objetivo.

O cabelo era louro-dourado, muito fino e sedoso, as orelhas pequenas. Os olhos tinham o brilho baço dos místicos. Pareciam perscrutar todos os mistérios da vida: profundos, serenos, fixavam-se nas pessoas como se fossem os olhos da consciência, e ninguém os agüentava por muito tempo, tal a sua intensidade. O olho esquerdo tinha uma expressão de inquietante expectativa.

Os lábios, de rebordos bem definidos, eram perfeitos e em harmonia com o contorno do rosto, de maçãs ligeiramente salientes. O nariz, quase imperceptível na serenidade meditativa do conjunto. Mas possuía narinas que se dilatavam nos raros momentos de "cólera sagrada", como costumava definir suas zangas.

A voz soava grave e profunda. Quando irritada, emergia rascante, em estranha autoridade, dotada de algo que infundia respeito. Tinha um pequeno defeito de dicção: arrastava nos erres por causa da língua presa.

A mão esquerda era um milagre de elegância. Muito móvel, evolucionava no ar ou contornava os objetos com prazer. No trabalho, ágil e decidida, parecia procurar suprir as deficiências da outra dura, com gestos mal controlados, de dedos queimados, retorcidos, com profundas cicatrizes.

Cumprimentava às vezes com a mão esquerda. Talvez por pudor, receosa de constranger as pessoas, dirigia-se a elas com economia de gestos. Alguns de seus manuscritos eram quase ilegíveis. Assinava com bastante dificuldade, mas utilizava ambas as mãos para datilografar.

Era profundamente feminina, exigia e se exigia boas maneiras. Bem cuidada no vestir, vaidosa, mas sem sofisticação.

Nunca saía sem estar maquilada e trajada às vezes com algum requinte: turbante, xale, vários colares e grandes brincos. O branco, o preto e o vermelho eram uma constante em seu guarda-roupa.

O batom geralmente era de tom rubro forte; o rímel negro, colocado com sutileza, aumentava a obliquidade e fazia ressaltar o verde marítimo dos olhos. Indiscutivelmente era mulher interessante, de traços nobres e, talvez, inatingível.

Quanto à afetividade, acreditava que, quando um homem e uma mulher se encontram num amor verdadeiro, a união é sempre renovada, pouco importando brigas e desentendimentos.

Ambicionava viver numa voragem de felicidade, como se fosse sonho. Teimosa, acreditava, porém, na vida de todos os dias. Defini-la é difícil. Contra a noção de mito, de intelectual, coloco aqui a minha visão dela: era uma dona-de-casa que escrevia romances e contos.

Dois atributos imediatamente visíveis: integridade e intensidade. Uma intensidade que fluía dela e para ela refluía. Procurava ansiosamente, lá, onde o ser se relaciona com o absoluto, o seu centro de força - e essa convergência a consumia e fazia sofrer. Sempre tentou de alguma maneira solidarizar-se e

compreender o sofrimento do outro, coisa que acontecia na medida da necessidade de quem a recebia. O problema social a angustiava.

Sabia o quanto doíam as coisas e o quanto custava a solidão.

São muitos os "mistérios" que aos olhos de alguns a transformaram em mito. Simplesmente, porém, em Clarice não aparecia qualquer mistério. Ela descobria intuitivamente o mistério da vida e do ser humano; em compensação, era capaz de dissimular o seu próprio mistério.

(Olga Boreli - Clarice Lispector, Esboço para um possível retrato - texto adaptado - Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981)

Comentários

Vejamos, comentando o texto apresentado, algumas características fundamentais do texto descritivo:

a) Descrição: Objetivo e Ponto de vista

Repare que o objetivo da autora, no texto lido, é traçar um perfil físico e psicológico de Clarice Lispector, grande escritora da literatura brasileira, de quem foi amiga.

O seu **ponto de vista** ao realizar a descrição pressupõe, portanto, **proximidade** com o objeto descrito, o que percebemos pela grande quantidade de detalhes reveladores de convivência íntima, presentes no texto.

Além disso, a imagem de Clarice que Olga Boreli pretende transmitir ao leitor está explicitada na seguinte passagem do texto: *Defini-la é difícil. Contra a noção de mito, de intelectual, coloco aqui a minha visão dela: era uma dona-de-casa que escrevia romances e contos.*

Perceba que para recriar descritivamente esta imagem, ou seja, para colocar a sua visão, o seu ponto de vista a respeito da escritora, a autora ora se detém em características físicas, ora em características psicológicas, e mais comumente mescla ambos os tipos de características, fazendo com que reciprocamente se iluminem. Ao mesmo tempo, tais características vão ao encontro do ponto de vista defendido, fundamentando-o.

Exemplo:

Características físicas:

Nunca saía sem estar maquilada e trajada às vezes com algum requinte: turbante, xale, vários colares e grandes brinços. O branco, o preto e o vermelho eram uma constante em seu guarda-roupa.

Características psicológicas:

Ambicionava viver numa voragem de felicidade, como se fosse sonho. Teimosa, acreditava, porém, na vida de todos os dias.

Mescla de características físicas e psicológicas:

Os olhos (...) pareciam perscrutar todos os mistérios da vida (...) fixavam-se nas pessoas como se fossem os olhos da consciência, e ninguém os agüentava por muito tempo, tal a sua intensidade.

O nariz quase imperceptível na serenidade meditativa do conjunto. Mas possuía a narinas que se dilatavam nos raros momentos de "cólera sagrada", como costumava definir suas zangas.

O batom geralmente era de tom rubro forte; o rímel negro, colocado com sutileza, aumentava a obliquidade e fazia ressaltar o verde marítimo dos olhos. Indiscutivelmente era mulher interessante, de traços nobres e, talvez, inatingível.

Conclusões importantes

Por meio destes exemplos concluímos que tanto o **objetivo** da descrição quanto o **ponto de vista** do sujeito em relação ao objeto descrito devem ser minuciosamente observados, para se criar esse tipo de texto.

Em outras palavras, na descrição a seleção dos traços, das características que mostrarão ao leitor como é um determinado objeto, deve ser elaborada pelo sujeito de forma coerente e adequada com seu objetivo e ponto de vista ao descrever.

Entretanto, antes de selecionar é preciso **enumerar**, isto é, fazer uma lista de traços, características e detalhes do objeto, da maneira mais livre possível.

Você pode se colocar em diferentes perspectivas (próximo, distante, atrás, na frente, em cima, embaixo, do lado etc) em relação a ele, pode conjugar memória e imaginação, pode pensar se considerou todos os sentidos ao descrever (visão, tato, audição, olfato, paladar), pode misturar sensações com sentimentos, emoções, reflexões.

Só não deve bloquear este fluxo pensando antecipadamente na montagem, na organização final do texto. Este processo vem depois, quando você já tem os elementos necessários para cortar o que está repetido, acrescentar o que falta, hierarquizar em principais e secundários os aspectos escolhidos, enfim, **ajustar o como ao porquê: o tipo de texto** (por exemplo: com maior objetividade ou maior subjetividade, presença expressiva de detalhes ou linguagem mais enxuta, ponto de vista mais próximo ou mais distante, favorável ou desfavorável etc) ao contexto de produção (os objetivos do texto e a situação que gerou a necessidade de escrevê-lo).

b) A linguagem da descrição: algumas características essenciais

- Na medida em que tende para a **estaticidade**, isto é, para a **ausência de movimento ou ação**, a descrição pode ser comparada com uma **fotografia** ou uma **pintura**. Assim, seu traço predominante é a presença dos nomes (substantivos) e dos atributos que o caracterizam (adjetivos e locuções adjetivas).

Exemplo:

O **cabelo** era **louro-dourado**, muito **fino** e **sedoso**, as **orelhas pequenas**. (...) O **olho esquerdo** tinha uma **expressão** de **inquietante expectativa**.

Os **lábios** (...) eram **perfeitos** e em harmonia com o contorno do rosto, de **maças** ligeiramente **salientes**. O **nariz**, quase **imperceptível** (...)

A **voz** soava **grave** e **profunda**.

- Pela mesma razão mencionada no item anterior, as descrições privilegiam as frases nominais, os verbos de estado (e não os de ação) e o pretérito imperfeito do indicativo (e não o pretérito perfeito).

Exemplo:

A mão esquerda **era** um milagre de elegância. Muito móvel, **evolucionava** no ar ou **contornava** os objetos com prazer. No trabalho, ágil e decidida, **parecia procurar suprir** as deficiências da outra...

Cumprimentava às vezes com a mão esquerda. Talvez por pudor, receosa de constranger as pessoas, **dirigia-se** a elas com economia de gestos. Alguns de seus manuscritos **eram** quase ilegíveis. **Assinava** com bastante dificuldade, mas **utilizava** ambas as mãos para datilografar.

Dois atributos imediatamente visíveis: integridade e intensidade...

- As comparações e as metáforas, por constituírem recursos retóricos destinados a caracterizar os objetos, a partir de semelhanças com outros objetos, também são muito utilizadas nas descrições.

Exemplo:

Ela possuía a **dignidade do silêncio**. Seu porte altivo era todo contido e movia-se pouco. Quando o fazia, era **como se estivesse procurando uma direção a seguir**. (...)

Os olhos tinham o **brilho baço dos místicos**. **Pareciam perscrutar todos os mistérios da vida**: profundos, serenos, **fixavam-se nas pessoas como se fossem os olhos da consciência...**

2 - Tipos de descrição: objetiva e subjetiva

A descrição costuma ser classificada como objetiva ou subjetiva. Na descrição objetiva, o sujeito procura criar uma imagem do objeto que se aproxime, o máximo possível, de sua cópia fenomênica, isto é, descreve centrado naquilo que efetivamente vê. Para tanto, utiliza como critérios básicos a exatidão e a fidelidade ao real.

Já na descrição subjetiva, a imagem descrita enfatiza a transfiguração do objeto pelo sujeito, que atribui a ele elementos próprios e o incorpora a sua personalidade, centrando-se naquilo que quer, pensa ou sente ver.

Leitura Comentada: Uma Descrição Objetiva

O motor está montado na traseira do carro, fixado por quatro parafusos à caixa de câmbio, a qual, por sua vez, está fixada por coxins de borracha na extremidade bifurcada do chassi. Os cilindros estão dispostos horizontalmente e opostos dois a dois. Cada par de cilindros tem um cabeçote comum de metal leve. As válvulas, situadas nos cabeçotes, são comandadas por meio de tuchos e balancins. O virabrequim, livre de vibrações, de comprimento reduzido, com têmpera especial nos colos, gira em quatro pontos de apoio e aciona o eixo excêntrico por meio de engrenagens oblíquas. As bielas contam com mancais de chumbo-bronze e os pistões são fundidos de uma liga de metal leve.

(Manual de Instruções- Volkswagen)

Comentários

Observe que este texto tem o objetivo de descrever o motor de um carro do ponto de vista de seu fabricante, a Volkswagen, que portanto constitui o locutor, o emissor do texto. Seu receptor ou destinatário é o usuário do produto, o leigo, o que explica a redução de termos técnicos ao mínimo necessário e também o detalhamento de características, típico de um Manual de Instruções.

Observe também a postura de distanciamento do locutor em relação ao objeto descrito: ele se abstém de comentários, opiniões, centrando-se nas características fenomênicas daquilo que descreve. Trata-se, portanto, de uma descrição impessoal e objetiva.

Leitura Comentada: Uma Descrição Subjetiva

O que mais me chateia na raiva é que sei, por experiência, que ela passa. A raiva, sim, é um pássaro selvagem: você tenta amansar ele, ganhar confiança, mas quando menos se espera ele bate as asas e foge. A gente fica então com uma fraqueza no peito, no corpo todo, como depois de uma febre. Querendo colo. Mas o pior é o período antes dessa fraqueza, todo mundo com os nervos inflamados, à flor da pele. As caras que por acaso rompiam a barreira do meu quarto eram todas de tragédia. (...)

Embora fosse antigamente uma princesa (...) eu me sentia um sapo (...). Eu estava muito cheia de raiva (no fundo, vergonha) e, embora tivesse gritado "perdão" à vista de todos, eu não queria me arrepender. Por isso estava ainda naquele inferno. No inferno, isso eu sei, é proibido o arrependimento. Continuamos fiéis aos nossos erros.

(Vilma Arêas - Aos trancos e relâmpagos - São Paulo, Scipione, 1993)

Comentários

Aqui, a locutora está descrevendo um sentimento: a raiva. Percebemos que o faz **subjetivamente** desde a primeira linha, quando explicita a postura do "eu" em relação ao que descreve: *O que mais me chateia...* Além disso, utiliza-se de metáforas e de linguagem coloquial, com recursos de oralidade, **pessoalizando** a visão que o sujeito tem do objeto. O fragmento pertence a um texto literário destinado ao público infantil, o que explica seu tom de naturalidade e de **proximidade** com o interlocutor, também explicitado logo no início: *A raiva, sim, é um pássaro selvagem: você tenta amansar ele, ganhar confiança, mas quando menos se espera ele bate as asas e foge. A gente fica então com uma fraqueza no peito, no corpo todo, como depois de uma febre.*

3 - Descrição objetiva e descrição subjetiva: visão comparativa e conceito de predominância

Enquanto a descrição objetiva pressupõe uma postura de **distanciamento emocional** do sujeito em relação ao objeto, o que lhe possibilita apreendê-lo através de um tipo de percepção mais exata, dimensional, a descrição subjetiva pressupõe uma postura de **proximidade**. Essa postura, por sua vez, implica que o sujeito descreve o objeto através de um tipo de percepção menos precisa e mais contaminada por suas emoções e opiniões.

É necessário colocar aqui uma observação fundamental para que se compreenda bem em que consistem ambos os tipos de descrição e, mais do que isso, qual a **funcionalidade** da distinção tendo em vista a produção desse tipo de texto.

Na verdade, não existem textos totalmente objetivos ou totalmente subjetivos, já que as noções de sujeito e objeto são interdependentes: é impossível imaginar tanto um objeto que independe do sujeito quanto um sujeito que independe do objeto; no limite, o primeiro caso corresponderia a pensar o mundo (objeto) sem o homem, e o segundo a pensar o homem (sujeito) sem o mundo.

Portanto, todo texto objetivo pressupõe uma presença, ainda que imperceptível, de subjetividade, e reciprocamente todo texto subjetivo pressupõe um mínimo de objetividade.

Podemos então usar o conceito de **predominância** para distingui-los, colocando de um lado, o lado da **predominância da objetividade**, os **textos técnicos e científicos**, e de outro, o lado da predominância da subjetividade, os **textos literários**.

Vejamos duas opiniões interessantes sobre o assunto:

"A descrição técnica apresenta, é claro, muitas das características gerais da literária, porém, nela se sublinha mais a precisão do vocabulário, a exatidão dos pormenores e a sobriedade da linguagem do que a elegância e os requisitos da expressividade lingüística. A descrição técnica deve esclarecer, convencendo; a literária deve impressionar, agradando. Uma traduz-se em objetividade; a outra sobrecarrega-se de tons afetivos. Uma é predominantemente denotativa; a outra, predominantemente conotativa".

(Othon M. Garcia - Comunicação em Prosa Moderna - Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996)

"A redação técnica é necessariamente objetiva quanto ao seu ponto de vista, mas uma objetividade completamente desapaixonada torna o trabalho de leitura penoso e enfadonho por levar o autor a apresentar os fatos em linguagem descolorida, sem a marca da sua personalidade. Opiniões pessoais, experiência pessoal, crenças, filosofias de vida e deduções são necessariamente subjetivas, não obstante constituem parte integrante de qualquer redação técnica meritória".

(Margaret Norgaard - citada por Othon M. Garcia - Comunicação em Prosa Moderna - Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996)

Visualizando ambas as opiniões e acrescentando-lhes outros elementos, podemos criar o seguinte esquema:

Descrição objetiva	ênfase na impressão despertada pelo objeto como tal principais características: precisão do vocabulário, exatidão dos pormenores e sobriedade da linguagem, predominantemente denotativa objetivo: deve esclarecer, convencendo ponto de vista: predominantemente objetivo Exemplo: descrição técnica
Descrição subjetiva	ênfase na expressão que a alma empresta ao objeto principais características: elegância e presença dos requisitos da expressividade lingüística - tons afetivos, polissemia, linguagem predominantemente conotativa

	objetivo: deve impressionar, agradando ponto de vista: predominantemente subjetivo Exemplo: descrição literária
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Leitura Comentada

Leitura das Sombras

Em 1984, duas pequenas placas de argila de formato vagamente retangular foram encontradas em Tell Brak, Síria, datando do quarto milênio antes de Cristo. Eu as vi, um ano antes da guerra do Golfo, numa vitrine discreta do Museu Arqueológico de Bagdá. São objetos simples, ambos com algumas marcas leves: um pequeno entalhe em cima e uma espécie de animal puxado por uma vara no centro. Um dos animais pode ser uma cabra, e nesse caso o outro é provavelmente uma ovelha. O entalhe, dizem os arqueólogos, representa o número dez. Toda a nossa história começa com essas duas modestas placas. Eles estão - se a guerra os poupou - entre os exemplos mais antigos de escrita que conhecemos.

Há algo intensamente comovente nessas placas. Quando olhamos essas peças de argila levadas por um rio que não existe mais, observando as incisões delicadas que retratam animais transformados em pó há milhares e milhares de anos, talvez uma voz seja evocada, um pensamento, uma mensagem que nos diz: "Aqui estiveram dez cabras", "Aqui estiveram dez ovelhas", palavras pronunciadas por um fazendeiro cuidadoso no tempo em que os desertos eram verdes. Pelo simples fato de olhar essas placas, prolongamos a memória dos primórdios do nosso tempo, preservamos um pensamento muito tempo depois que o pensador parou de pensar e nos tornamos participantes de um ato de criação que permanece aberto enquanto as imagens entalhadas forem vistas, decifradas, lidas.

Tal como meu nebuloso ancestral sumério lendo as duas pequenas placas naquela tarde inconcebivelmente remota, eu também estou lendo, aqui na minha sala, através de séculos e mares. Sentado à minha escrivaninha, cotovelos sobre a página, queixo nas mãos, abstraído por um momento da mudança de luz lá fora e dos sons que se elevam da rua, estou vendo, ouvindo, seguindo (mas essas palavras não fazem justiça ao que está acontecendo dentro de mim) uma história, uma descrição, um argumento. Nada se move, exceto meus olhos e a mão que vira ocasionalmente a página, e contudo algo não exatamente definido pela palavra texto desdobra-se, progri~ cresce e deita raízes enquanto leio.

(Alberto Manguel - Uma História da Leitura - São Paulo, Companhia das Letras, 1997)

Comentários

a) 1º parágrafo: predomínio de objetividade

Repare que no primeiro parágrafo do texto, embora apareça a figura do sujeito (locutor ou emissor) da descrição - *Eu as vi, um ano antes da guerra do Golfo, numa vitrine discreta do Museu Arqueológico de Bagdá* - o objeto é descrito **com objetividade**, quer dizer, enfatizando mais as características **do que foi visto** (inclusive com indicações precisas de tempo e lugar) **do que o ato de ver** ... *duas pequenas placas de argila de formato vagamente retangular foram encontradas em Tell Brak, Síria, datando do quarto milênio antes de Cristo (...)* São objetos simples, ambos com algumas marcas leves: um pequeno entalhe em cima e uma espécie de animal puxado por uma vara no centro. Um dos animais pode ser uma cabra, e nesse caso o outro é provavelmente uma ovelha. O entalhe, dizem as arqueólogos, representa o número dez...

b) 2º parágrafo: predomínio de subjetividade

Do segundo parágrafo em diante, a mesma descrição adquirindo fortes marcas de subjetividade: *Há algo **intensamente comovente** nessas placas. Quando olhamos essas peças de argila levadas por um rio que não existe mais, observando as **incisões** delicadas que retratam animais transformados em pó há milhares e milhares de anos, talvez uma voz seja evocada... palavras pronunciadas por um, fazendeiro cuidadoso no tempo em que os desertos eram verdes...*

Tais marcas indicam a presença da emoção do sujeito enquanto descreve. Repare que ele faz uma evocação afetiva, por meio da percepção sensorial (os sentidos da visão e da

audição, o segundo com existência imaginária), das mesmas placas descritas no primeiro parágrafo.

c) Objetividade e subjetividade: descrição e funcionalidade

As placas, que no primeiro parágrafo foram caracterizadas como os exemplos mais antigos de escrita que conhecemos, passam a partir do segundo a representar mais do que isso: elas se transformam em imagem do prolongamento e da preservação da memória dos primórdios do nosso tempo, o que permite ao leitor sentir-se parte do processo de decifrá-las.

Assim, enquanto o parágrafo de descrição objetiva nos faz perceber **impessoalmente** o objeto descrito, o de descrição subjetiva **pessoaliza** o contato que temos com ele, trazendo para o presente de nossa leitura o passado longínquo do surgimento do ato de ler.

Este procedimento no qual objetividade e subjetividade se mesclam, aumentando o poder intelectual e ao mesmo tempo sugestivo do texto, é reforçado, no terceiro parágrafo, pela imagem do próprio sujeito lendo.

Neste parágrafo ele se transforma ao mesmo tempo em sujeito e objeto do texto e, **de maneira concreta**, realiza a **descrição** do seu ato de ler (com abundância de detalhes descritivos).

Desta forma, quer dizer, através de um parágrafo predominantemente objetivo ao qual se seguem outros dois, predominantemente subjetivos, o autor realiza o objetivo não apenas de transmitir intelectualmente, mas de mostrar sensorialmente ao leitor a permanência da leitura ao longo da história humana. Graças a seu ponto de vista de proximidade em relação ao objeto, fica registrada, com intensa expressividade, a relevância da leitura para a humanidade, através dos tempos e dos espaços.

Exemplo:

Tal como meu nebuloso ancestral sumério lendo as duas pequenas placas naquela tarde inconcebivelmente remota, eu também estou lendo, aqui na minha sala, através de séculos e mares. Sentado à minha escrivaninha, cotovelos sobre a página, queixo nas mãos abstraído por um momento da mudança de luz lá fora e dos sons que se elevam da rua, estou vendo, ouvindo, seguindo (...) uma história, uma descrição, um argumento...

Conclusões importantes

A leitura detalhada e comentada desta descrição permite-nos perceber que a presença da objetividade e da subjetividade em nossos textos descritivos pode ser mesclada, predominando o ponto de vista exigido por nossos objetivos e também pelos contextos de produção textual. Atentos a tais critérios, precisamos saber conciliar informação objetiva e impessoal com marcas de pessoalidade, de expressividade. Precisamos, enfim, trabalhar o rigor, a exatidão e a fidelidade ao real, isto é, a necessidade de **esclarecer, convencendo**, em sintonia com a de **impressionar, agradando**.

4 - Elementos constitutivos do texto descritivo

A visão, a audição, o olfato, o tato e o paladar - nossos cinco sentidos - constituem os alicerces da descrição. A eles acrescentamos nossa imaginação criadora.

Na medida em que se ancora na percepção sensorial, o texto descritivo explora os cinco sentidos, seja isoladamente, seja confundindo-os, isto é, utilizando-se de sinestesias.

"Não se esqueça de que percebemos ou observamos com todos os sentidos e não apenas com os olhos. Haverá sons, ruídos, cheiros, sensações de calor, vultos que passam, mil acidentes, enfim, que evitarão se torne a descrição uma fotografia pálida daquela riqueza de impressões que os sentidos atentos podem colher".

Othon M. Garcia - Comunicação em Prosa Moderna - Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996)

Leitura Comentada

Para exemplificar a exploração dos sentidos no texto descritivo, leia as várias versões de um parágrafo em que uma personagem se recorda de cenas de seu casamento, explorando cada um deles, primeiro isoladamente e depois por meio de sinestesia:

exploração da visão

JOANA lembrou-se de repente, sem aviso prévio, dela mesma em pé no topo da escadaria. Não sabia se alguma vez estivera no alto de uma escada, **olhando para baixo, para muita gente ocupada, vestida de cetim, com grandes leques**. Muito provável mesmo que nunca tivesse vivido aquilo. Os leques, por exemplo, não tinham consistência na sua memória. Se queria pensar neles **não via na realidade leques, porém manchas brilhantes nadando de um lado para outro...**

(Clarice Lispector – Perto do Coração Selvagem - Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986 - texto adaptado)

Comentários

A cena é construída predominantemente por meio da visão, conjugada com a memória. Repare que a personagem se recorda de si mesma, numa perspectiva **de cima** em relação a um cenário que se esfumaça, transitando da objetividade para a subjetividade e assim fundamentando a imprecisão da lembrança, tematizada no texto.

exploração da audição

JOANA lembrou-se de repente, sem aviso prévio, dela mesma em pé no topo da escadaria. (...) Muito provável mesmo que nunca tivesse vivido aquilo. Se queria pensar nos leques não os via na realidade, porém manchas brilhantes pareciam farfalhar de um lado para outro **entre palavras em francês, susurradas com cuidado por lábios juntos...**

(Clarice Lispector – Perto do Coração Selvagem - Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986 - texto adaptado)

Comentários

Nesta versão do mesmo parágrafo descritivo, a audição se acrescenta à visão para marcar a já comentada imprecisão da memória; ao mesmo tempo, aumentam os detalhes, que vão caracterizando mais expressivamente a evocação do passado.

exploração do tato

JOANA lembrou-se de repente, sem aviso prévio, dela mesma em pé no topo da escadaria. (...) Muito provável mesmo que nunca tivesse vivido aquilo. (...) Mas apesar de tudo a impressão continuava querendo ir para frente, como se o principal estivesse além da escadaria e dos leques. **Sentia na planta dos pés aquele medo frio de escorregar, nas mãos um suor cálido, na cintura uma fita apertando, puxando-a como um leve guindaste para cima.**

(Clarice Lispector – Perto do Coração Selvagem - Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986 - texto adaptado)

Comentários

Aqui a cena se torna mais rica e complexa, uma vez que os elementos da percepção tátil desviam o foco da descrição, que se afasta do cenário para focalizar a personagem, aumentando o conteúdo de subjetividade do texto e desta forma concentrando-o na realidade interior, nas sensações íntimas daquela que lembra.

exploração do olfato

JOANA lembrou-se de repente, sem aviso prévio, dela mesma em pé no topo da escadaria. Muito provável mesmo que nunca tivesse vivido aquilo. (...) **O cheiro das fazendas novas** vestidas pelo homem que seria dela a atravessava, procurando distanciá-la **do botão de rosa que insistentemente lhe**

comprimia as narinas, indecisas entre velhos e novos aromas, entre o que fora e o que passaria a ser, terminada a cerimônia.

(Clarice Lispector – Perto do Coração Selvagem - Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986 - texto adaptado)

Comentários

Por meio do contraste de elementos olfativos (**o cheiro das fazendas novas...** versus **o botão de rosa ...**), a cena reitera o seu caráter de predomínio de impressões subjetivas, com acréscimo de personagem (o marido) e clara referência ao significado afetivo da lembrança.

exploração do paladar

JOANA lembrou-se de repente, sem aviso prévio, dela mesma em pé no topo da escadaria. Não sabia se alguma vez estivera no alto de uma escada, **experimentando o bolo de noiva, cujo sabor** não tinha consistência na sua memória. Se queria pensar nele não percebia na realidade **gostos**, porém uma **massa insossa e volumosa, nadando de um lado para outro em sua boca, que naquele momento ansiava por sal, ou ao menos por um copo com água.**

(Clarice Lispector – Perto do Coração Selvagem - Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986 - texto adaptado)

Comentários

Agora, a presença do paladar se conjuga com o tato, para novamente enfatizar as sensações e os sentimentos de Joana, ao lembrar o que lhe aconteceu interiormente, no dia de seu casamento.

exploração de sinestesia

JOANA lembrou-se de repente, sem aviso prévio, dela mesma em pé no topo da escadaria. Não sabia se alguma vez estivera no alto de uma escada. Os **reflexos úmidos das lâmpadas sobre os espelhos**, os broches das damas e as fivelas dos cintos dos homens comunicavam-se a intervalos com o lustre, por delgados raios de luz. **Ora quente, ora fria, essa luz a percorrida por seus longos músculos inteiros.** (...) Ela estava sentada, numa espera distraída e vaga. **Respirava opressa o perfume roxo e frio das imagens.**

(Clarice Lispector – Perto do Coração Selvagem - Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986 - texto adaptado)

Comentários

Observe que os sentidos se embaralham, se confundem (**reflexos úmidos das lâmpadas; ora quente, ora fria, essa luz a percorria...** visão e tato; **Respirava opressa o perfume roxo e frio das imagens...** olfato, visão e tato).

Ao permitir tal construção descritiva, a sinestesia dá pluralidade semântica ao texto, que no caso deste exemplo ao mesmo tempo está caracterizando ambiente exterior e mundo interior, o primeiro em função do segundo, o que enriquece de conotações simultaneamente sensoriais e emotivas o momento lembrado

5 - A descrição no texto narrativo

A descrição costuma ser utilizada como um importante recurso do texto narrativo, na medida em que a caracterização física e/ou psicológica de personagens, do espaço, do tempo etc, pode enriquecê-lo por meio de **detalhes expressivos**, que prendem o leitor à história que está sendo contada.

Assim, os elementos descritivos auxiliam na montagem de um conflito, seja através de personagens cujas características são contrastantes, seja através de ambientes reveladores de seus traços determinantes para a construção da trama narrativa.

Tais elementos podem estar no início de uma história – para a criação do "clima", da "atmosfera" -, no seu momento mais importante - o clímax, o ponto culminante -, ou mesmo no

desfecho. Sua colocação depende da intenção do narrador, dos efeitos que quer causar com o que narra.

Leitura Comentada

Revelação no espelho

O vento soprava forte. Era quase um tufão. Ou talvez um tornado, pois suas rajadas concentradas agiam com mais violência num raio de poucos metros. Apavorada, ela buscou abrigo, colando-se à reentrância de uma porta de garagem. Tremia. Tinha a sensação de que aquele vento era uma manifestação do Mal. E pior: que contra ela se dirigia. Enquanto o vento lhe chicoteava as pernas, tirou da bolsa um pequeno espelho para, através dele, espiar a rua sem sair, de trás da coluna. E teve a confirmação. A imagem, no espelho, era de calma. O vento era mesmo assombrado.

(Heloísa Seixas - Contos Mínimos, Folha de São Paulo - 19/03/98)

Comentários

Repare que o narrador desta micro-história cria um enredo de suspense, utilizando-se de elementos descritivos para fazê-lo.

A protagonista se apavora diante de um vento, um tornado ou um tufão que, de tão violento, lhe chega a parecer uma manifestação do Mal. Entretanto, no desfecho percebemos que ela acertadamente o julgara assombrado... o que é mostrado ao leitor pelo contraste entre elementos táteis, descrevendo as sensações imaginárias (***Enquanto o vento lhe chicoteava as pernas...***), e elementos visuais, descrevendo as sensações reais (***E teve a confirmação. A imagem, no espelho, era de calma.***)

Assim, a presença da descritividade na montagem desta história dá-lhe grande força expressiva.

Sugestão de atividade prática: Descritivização da Narração

A técnica de descritivizar a narração, isto é, de acrescentar às frases narrativas as descrições de personagens, tempo, lugar etc, pode exemplificar a funcionalidade da descrição no processo de elaboração desse tipo de texto.

Exemplo:

Dada uma frase narrativa - *Um homem atravessou a rua* - vamos sugerir algumas possibilidades de descritivização, em função de alguns tipos de enredo:

Possibilidades de descritivização:

a) Para criar uma narrativa de suspense:

Um estranho homem de palavras rudes e barba por fazer, tremendo de frio ou de medo, atravessou aquela rua deserta, onde há muitos anos atrás houvera um crime nunca desvendado...

b) para criar uma narrativa lírico-amorosa:

Um belo homem vestido de terno preto e sapatos de verniz, com o olhar enfim apaziguado de procurá-la por toda a parte, atravessou como se dançasse aquela rua movimentada em frente à catedral, onde uma nuvem ou sonho ou aparição o esperava...

c) para criar uma narrativa fantástica:

Um homem de cabeça desproporcionalmente avantajada em relação ao resto do corpo e de pés virados para trás atravessou com tal rapidez aquela rua larga, esfumada, como que aérea, que não se sabe se é ilusão de ótica ou de se fato algo aconteceu...

d) Para criar um relato objetivo:

O cliente esteve no escritório no dia 01 de abril, às 15:15 hs. Era um homem idoso, devia ter entre 65 e 70 anos. Após esperar por mais de duas horas a sua vez de ser atendido, sem qualquer reclamação saiu de lá e atravessou rapidamente a rua Teodoro Sampaio, caminhando em direção à loja de nosso conhecido concorrente, que fica a apenas cem metros de distância...

Comentários

Repare na adequação da escolha dos elementos descritivos, tendo em vista o tipo de enredo em questão. Perceba que no último exemplo, a preocupação com a exatidão e com a fidelidade ao real, isto é, com os dados objetivos, não suprime a expressividade do parágrafo.

Para realizar esta proposta, que facilita a criação de bons textos, enriquecendo-os com elementos descritivos, crie uma frase narrativa e pergunte-se, a partir da modalidade de narração que lhe interessa desenvolver, e também do objetivo e do ponto de vista com que o fará: como é o homem? Como é a rua? Como ele a atravessa? Etc...

6 - A descrição no texto dissertativo

A descrição também pode ser utilizada como um recurso constitutivo da dissertação e da argumentação. Por exemplo, quando nos utilizamos de fatos e/ou de dados concretos sobre a realidade para fundamentar argumentativamente nossas opiniões, nossos pontos de vista, estamos lançando mão de elementos descritivos em textos dissertativos-argumentativos. Neste caso, devemos atentar para a necessidade de que se trate de caracterizações objetivas, impessoais, fiéis à realidade a que se referem.

Leitura Comentada

"Vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes", reflete Guimarães Rosa em "O Espelho". Na caverna high-tech do alheamento, sob o bombardeio de estímulos da grande metrópole, a sombra do efêmero ofusca a luz do mistério. É o que sinto quando retomo a mim mesmo, é o que vejo quando contemplo a vida ao meu redor. (...)

De tempos em tempos, porém, surgem fatos e ameaças que pinicam a bolha da nossa indiferença e nos despertam, ainda que por breves momentos, para questões perenes e cruciais da condição humana.

Que tipo de universo é este em que estamos metidos e do que podemos ser expelidos, sem deixar rastro ou memória, por um simples peteleco cósmico? Foi assim que me senti e foi nisso que pensei enquanto acompanhava o noticiário recente sobre a descoberta e as possíveis trajetórias do XF11, um asteroide de 1,6 km de diâmetro que deverá passar incomodamente perto da Terra em 2028.

O XF11, ao que parece, não passou de um falso alarme. Mas a ameaça de colisão, por tudo o que se pode saber, é real. As crateras da Lua, é bom lembrar, não estão lá à toa: são as marcas visíveis das caneladas, topadas e pisões que ela levou na dança do universo. Vivemos sob o olhar irônico da Lua.

(Eduardo Gianetti - Folha de São Paulo - 26/03/98)

Comentários

O texto faz uma crítica a uma inversão de valores típica da sociedade contemporânea: o supérfluo está no lugar do essencial e vice-versa. Para isso, utiliza-se de uma linguagem rica em imagens e em elementos descritivos, como por exemplo o contraste entre sombra e luz. Enquanto a primeira alude ao efêmero - para o autor nosso foco real de preocupação - a segunda representa o mistério (questões perenes e cruciais da condição humana), que relegamos.

Feita esta consideração, o autor coloca a ressalva de que tal inversão de valores às vezes é suspensa por fatos e ameaças que pinicam nossa indiferença. Em seguida, passa a exemplificar o que defende, **descrevendo não apenas o asteroide XF11, mas, ainda, os sentimentos e pensamentos que lhe provocou noticiário a respeito dele.**

E, finalmente, menciona a lua, cujas crateras - descritas como **marcas visíveis das caneladas, topadas e pisões que ela levou na dança do universo** - comprovariam a realidade da ameaça de colisão em que vivemos. Diante disso, o texto conclui implicitamente, deveríamos mudar de atitude, isto é, deveríamos repensar em que consiste o essencial, em que consiste o supérfluo...

Este exemplo mostra a possibilidade de dissertar com utilização enriquecedora tanto de linguagem coloquial e metafórica, quanto de elementos descritivos. Por tratar-se de um texto produzido para um contexto jornalístico, de caráter opinativo, podemos, por meio dele, perceber concretamente como o **impressionar agradando** é, com grande salto de qualidade, um aliado imprescindível do **esclarecer convencendo**...

7 - Procedimentos anti-descritivos (que devem ser evitados num texto descritivo)

em vez de:

a) excesso e/ou falta de elementos caracterizadores do objeto descrito;

é preciso:

assinalar os traços distintivos, típicos, de tal modo que o leitor possa distinguir o objeto da descrição de outros semelhantes;

em vez de:

b) apresentação caótica e desordenada dos detalhes do objeto descrito;

é preciso:

equilibrar o principal e o secundário;

em vez de:

c) supervalorização de um sentido (em geral a visão), em detrimento dos outros;

é preciso:

perceber sons, ruídos, cheiros, sensações de calor e/ou frio etc;

em vez de:

d) eleição do **esclarecer convencendo** como único critério a ser seguido;

é preciso:

também colocar em prática os recursos do **impressionar agradando**;

em vez de:

e) opção pela impessoalidade do texto "neutro";

é preciso:

conseguir ser pessoal, colocar-se enquanto sujeito, no ato de recriar qualquer objeto.

2º NÚCLEO - NARRAÇÃO

1 - Definição: o que é narrar

Fundamentalmente, narrar é contar uma história, que pode ser real, imaginária ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Em qualquer um dos casos, nossa capacidade de fabular, isto é, de relacionar personagens e ações, considerando circunstâncias de tempo e de espaço, constitui a essência do texto narrativo.

Quando nosso compromisso é com a reprodução do que de fato aconteceu, precisamos, como na descrição, atentar para a exatidão e a fidelidade do narrador aquilo de que foi testemunha ou de que participou como personagem.

Quando, ao contrário, tratar-se de um **contexto de invenção**, há o predomínio da imaginação na elaboração de uma história. Aí a experiência de criar personagens, tramas, enredos, de construir circunstâncias de tempo e de lugar, permite que nos transformemos imaginariamente nos outros, que vivenciemos simbolicamente outras histórias, que assumamos outras vozes.

Leitura Comentada: Um Texto Narrativo

Caso de Secretária

Foi trombudo para o escritório. Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara, não fizera a mínima alusão à data. As crianças também tinham se esquecido. Então era assim que a família o tratava? Ele que vivia para os seus, que se arrebatava de trabalhar, não merecer um beijo, uma palavra ao menos!

Mas, no escritório, havia flores à sua espera, sobre a mesa. Havia o sorriso e o abraço da secretária, que poderia muito bem ter ignorado o aniversário, e entretanto o lembrara. Era mais do que uma auxiliar, atenta, experimentada e eficiente, pé-de-boi da firma, como até então a considerara; era um coração amigo.

Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocochô: o carinho da secretária não curava, abria mais a ferida. Pois então uma estranha se lembrava dele com tais requintes, e a mulher e os filhos, nada? Baixou a cabeça, ficou rodando o lápis entre os dedos, sem gosto para viver.

Durante o dia, a secretária redobrou de atenções. Parecia querer consolá-lo, como se medisse toda a sua solidão moral, o seu abandono. Sorria, tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeadado de suaves brincadeiras da pane dela.

‘O senhor vai comemorar em casa ou numa boate?’

Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma. Fazer é uma droga, ninguém gostava dele neste mundo, iria rodar por noite, solitário, como o lobo da estepe.

‘Se o senhor quisesse, podíamos jantar juntos’, insinuou ela, discretamente.

E não é que podiam mesmo? Em vez de passar uma noite besta, ressentida - o pessoal lá em casa pouco está me ligando - teria horas amenas, em companhia de uma mulher que - reparava agora - era bem bonita.

Daí por diante o trabalho foi nervoso, nunca mais que se fechava o escritório. Teve vontade de mandar todos embora, para que todos comemorassem o seu aniversário, ele principalmente. Conteve-se, no prazer ansioso da espera.

- Onde você prefere ir? - perguntou, ao saírem.

- Se não se importa, vamos passar primeiro no meu apartamento. Preciso trocar de roupa.

Ótimo, pensou ele; faz-se a inspeção prévia do terreno e, quem sabe?

- Mas antes quero um drinque, para animar - ela retificou. Foram ao drinque, ele recuperou não só a alegria de viver e de fazer anos, como começou a fazê-los pelo avesso, remoçando. Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço.

No apartamento, ela apontou-lhe o banheiro e disse-lhe que o usasse sem cerimônia. Dentro de quinze minutos ele poderia entrar no quarto, não precisava bater - e o sorriso dela, dizendo isto, era uma promessa de felicidade.

Ele nem percebeu ao certo se estava se arrumando ou se desarrumando, de tal modo que os quinze minutos se atropelaram, querendo virar quinze segundos, no calor escaldante do banheiro e da situação. Liberto da roupa incômoda, abriu a porta do quarto.

Lá dentro, sua mulher e seus filhos, em coro com a secretária, esperavam-no atacando "Parabéns para você".

(Carlos Drummond de Andrade - Cadeira de Balanço - Poesia e Prosa, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988)

Comentários

a) Narração: Encadeamento de fatos ou ações

O encadeamento de fatos constitui a característica central de uma narração. Ele é estruturado tendo em vista um **conflito** em torno do qual a história se organiza, tradicionalmente numa sequência do tipo:

- Situação Inicial: Exposição de uma determinada situação, com elementos geradores de uma complicação (conflito)

Exemplo:

Foi trombudo para o escritório. Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara, não fizera a mínima alusão à data. As crianças também tinham se esquecido.(...)

Mas, no escritório, havia, flores à sua espera, sobre a mesa. Havia o sorriso e o abraço da secretária, que poderia muito bem ter ignorado o aniversário, e entretanto o lembrara.

- Complicação: Apresentação do conflito

Exemplo:

‘Se o senhor quisesse, podíamos jantar juntos’, insinuou ela, discretamente.

E não é que podiam mesmo? Em vez de passar uma noite besta, ressentida - o pessoal lá em casa pouco está me ligando -, teria horas amenas em companhia de uma mulher que - reparava agora - era bem bonita.

- Clímax: o ponto de maior tensão da história, quando o conflito chega ao ápice.

Exemplo:

No apartamento, ela apontou-lhe o banheiro e disse-lhe que o usasse sem cerimônia. Dentro de quinze minutos ele poderia entrar no quarto, não precisava bater - e o sorriso dela, dizendo, era uma promessa de felicidade.

Ele nem percebeu ao certo se estava se arrumando ou se desarrumando, de tal modo que os quinze minutos se atropelaram, querendo virar quinze segundos no calor escaldante do banheiro e da situação. Liberto da roupa incômoda, abriu a porta do quarto.

- Desfecho: solução do conflito.

Exemplo:

Lá dentro, sua mulher e seus filhos em coro com a secretária, esperavam-no atacando “Parabéns para Você”.

Conclusão Importante

Dois fatores de essencial importância na criação do enredo

- A progressão de ações

A progressão das ações, ao longo do texto narrativo, é o fator que lhe dá ritmo e dinamismo. Por meio dela é que vamos conhecendo as transformações vivenciadas pelos personagens, como ocorre com o protagonista de Caso de Secretária.

Se não houver **coerência** entre a progressão de ações e as transformações de personagem (ns) e/ou também de outros elementos (como o espaço), não haverá narração propriamente dita.

É preciso, portanto, buscar essa coerência, para se conseguir produzir um texto que seja verdadeiramente narrativo.

- A Unidade

Repare que há unidade na seqüência narrativa de *Caso de Secretária*.

Ao **fato central** (a carência de afeto familiar sentida pelo aniversariante, cuja família lhe prepara uma surpresa, em cumplicidade com sua secretária) estão subordinados os **fatos secundários** (o excesso de atenção que lhe dá a secretária, o surgimento e o crescimento da expectativa do aniversariante de ter uma aventura com ela... etc), havendo clara **correlação** entre eles. A **unidade** constitui, assim, outro fator indispensável no engendramento de uma trama de qualidade.

b) Narração: Objetivo e Tema

O texto narrativo é elaborado a partir de um determinado objetivo (intenção com que se conta uma história) e de um determinado tema (o tipo de enfoque que o autor pretende dar ao assunto escolhido), que se explicitam fundamentalmente por meio do significado da matéria narrada, tal como é percebido pelo leitor.

No caso da história que você acabou de ler, repare que Carlos Drummond de Andrade não se propõe a tematizar o assunto sobre o qual escreve (um homem faz aniversário), utilizando-se de argumentos, contra-argumentos e apresentação de provas sobre a suposta desatenção da família do aniversariante, o aparente excesso de atenção da secretária etc.

Ao contrário, ele se utiliza de tais elementos para contar uma história, isto é, encadear ações ou acontecimentos que nos vão mostrando, fundamentalmente através da seqüência narrativa, tanto o tema quanto o objetivo de seu texto. Trata-se de uma surpresa de aniversário (tema) e de explorar economicamente o modo pelo qual esta surpresa se deu (objetivo).

c) Narração versus Mero Relato

Caso de Secretária é uma crônica, uma história breve, que pode fundir ficção e realidade e que muitas vezes aparece num contexto jornalístico. Sua finalidade principal é simultaneamente distrair e envolver o leitor.

Para atingir tal finalidade, que no fundo constitui o que pretende qualquer narração imaginativa, é necessário antes de mais nada que o autor saiba criar e manter a expectativa do leitor, o seu interesse em prosseguir a leitura, em conhecer a continuidade da história.

A Expectativa do Leitor e o Desfecho Inesperado

Observe que no decorrer da narração, até o desfecho propriamente dito, nem o protagonista (o aniversariante) nem o leitor conhecem as intenções da secretária, o que permite que ambos alimentem uma certa expectativa em relação a ela: esta personagem parece estar querendo seduzir o chefe... ele prontamente armadilha; nós, leitores, ficamos interessados em saber se há armadilha, de que tipo de armadilha se trata... etc.

Esta situação se mantém até o clímax, isto é, quando vai ocorrer a explosão do conflito - a suposta traição do aniversariante à sua esposa com a secretária...

Então, nossa expectativa (e também a do protagonista) é quebrada com um desfecho inesperado... A secretária e a família resolvem o conflito do aniversariante, por meio do elemento surpresa... O desfecho inesperado constitui uma das formas mais expressivas de provocar o interesse do leitor pela história, de mantê-lo até o desenlace atento a cada um de seus detalhes.

Os elementos de um texto narrativo responsáveis pela criação e pela manutenção da expectativa do leitor variam de texto para texto e constituem recursos essenciais para a percepção das diferenças entre uma verdadeira narração e um mero relato, ou seja, um conjunto de fatos ou acontecimentos, sem a articulação necessária para transformar-se em texto narrativo.

Vamos apontar visualmente tais diferenças, para você tê-las em mente quando for escrever uma história, e assim procurar fazê-lo de modo correto:

Narração Versus Mero Relato

Elementos Identificadores da Narração

- 1 - criação e manutenção de expectativa de leitura, com índices do conflito;
- 2 - explosão do conflito, revelando unidade e coerência na progressão de ações;
- 3 - solução do conflito: as personagens resolvem ou tentam resolver, o conflito;
- 4 - reconhecimento do objetivo pelo qual a história foi contada.

Elementos Identificadores do Mero Relato

- 1 - criação de expectativa sem objetivo definido, pela acumulação inexpressiva de fatos e caracterizações;
- 2 - ausência de conflito: ele não surge, é apenas insinuado, revela-se incoerente e/ou sem unidade;
- 3 - apresentação de uma pretensa solução como fecho para o texto;
- 4 - desconhecimento do objetivo pelo qual a história foi relatada.

d) A linguagem da narração: algumas características essenciais

● Predomínio de Verbos de Ação

Enquanto a descrição se concentra no objeto, a matéria da narração é o fato, o acontecimento, razão pela qual predominam os verbos de ação, em geral no pretérito perfeito do indicativo, nesse tipo de texto.

● Presença de Elementos Descritivos

Os elementos descritivos costumam estar presentes na narração, caracterizando seu processo narrativo, seus personagens, suas marcações de tempo, de espaço etc. A funcionalidade desses elementos no contexto narrativo decorre dos detalhes com os quais contribuem para tornar o texto mais expressivo, mais cheio de vitalidade e de significação.

Exemplo:

Caso de Secretária: frases narrativas + elementos descritivos

Perceba que no texto *Caso de Secretária*, cada parágrafo se inicia com uma frase narrativa, responsável pelo ritmo da história, sendo em seu interior enriquecido por elementos descritivos, que nos mostram fundamentalmente os sentimentos e pensamentos do personagem principal, em relação à família e também, crescentemente, à secretária.

1º parágrafo

Frase narrativa: *Foi trombudo para o escritório.*

Elementos descritivos:

Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara, não fizera a mínima alusão à data. As crianças também tinham se esquecido. Então era assim que a família o tratava? Ele que vivia para os seus, que se arrebatava de trabalhar, não merecer um beijo, uma palavra ao menos!

2º parágrafo

Frase narrativa:

*Mas, no escritório, **havia** flores à sua espera, sobre a mesa. Havia o sorriso e o abraço da secretária, que poderia muito bem ter ignorado o aniversário, e entretanto o lembrara.*

Elementos descritivos:

*Era mais do que uma auxiliar, atenta, experimentada e eficiente, pé-de-boi da firma, como até então a considerara; **era** um coração amigo.*

3º parágrafo

Frase narrativa:

*Passada a surpresa, **sentiu-se** ainda mais borocochô.*

Elementos descritivos:

o carinho da secretária não curava, abria mais a ferida. Pois então uma estranha se lembrava dele com tais requintes e a mulher e os filhos, nada? Baixou a cabeça, ficou rodando o lápis entre os dedos, sem gosto para viver.

4º parágrafo

Frase narrativa:

Durante o dia, a secretária redobrou de atenções.

Elementos descritivos:

Parecia querer consolá-lo, como se medisse toda a sua solidão moral, o seu abandono. Sorria, tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela.

Etc...

e) Narrar: enumerar + selecionar

● Enumerar

Quando narramos, a **memória** e a **imaginação** alimentam o nosso fluxo de linguagem, por nos fornecerem elementos com os quais vamos compondo o universo narrativo.

Conseguimos mobilizar tais elementos por meio da **enumeração**: enumeramos fatos, acontecimentos, personagens, situações, marcações de tempo e de espaço, relacionando-os, por um processo de associação livre, ao longo da criação de nossas narrativas. **Portanto, como na descrição, o ato de narrar pressupõe a técnica de enumerar.**

Quando estamos criando ou fazendo o rascunho de nossas narrações, devemos optar pela enumeração, pois ela proporciona: uma associação de idéias espontânea e, conseqüentemente, um estilo o mais natural possível.

● Selecionar

No entanto, esse artifício, justamente por ser rico e gerador de ênfase, pode causar o **excesso**, a **redundância**, o **rebuscamento**. Sabemos que nem todas as ações desempenham papel imprescindível para a compreensão da trama; sabemos também que os personagens e os ambientes não necessitam de caracterizações detalhadas. Ao contrário: é preciso eleger os **elementos pertinentes** ao texto, aqueles que possuem função orgânica e expressiva.

Após a enumeração, precisamos, então, lançar mão do mecanismo de seleção (montagem e escolha do essencial, retirando o que estiver de mais e acrescentando o que faltar), para depurar o texto, tendo em vista a sua legibilidade e o interesse que deve despertar no leitor.

O mecanismo de seleção permite-nos, ainda, limpar as impurezas do texto, torná-lo coeso, conciso, claro e sedutor. Trata-se, enfim, como vimos na descrição, de conciliar o **esclarecer convencendo** e o **impressionar agradando**.

2 - Elementos narrativos básicos: personagens e enredo

Os dois elementos sem os quais a narração não pode se articular são os **personagens**, isto é, os seres que vivem a história narrada, e também o **enredo**: o encadeamento de ações que a estrutura.

● Tipos de Personagens

Você já sabe que normalmente o enredo de uma história se baseia num **conflito**. Pode tratar-se de um **conflito de interesses ou de desejos entre personagens, do (s) personagem (ns) com o mundo**, ou, ainda, **do (s) personagem (ns) consigo mesmo (s)**.

Para a montagem do conflito, dividimos os personagens em **protagonistas** e. Geralmente, estes são os personagens chamados de **principais**.

Além deles, há os **personagens-ajudantes**, que auxiliam na percepção do tipo de conflito, dos jogos de interesses, enfim, dos elementos estruturais da história.

Exemplo:

Em *Caso de Secretária*, a narrativa se estrutura em função de um suposto conflito de desejos entre protagonista (o aniversariante) e antagonistas (a família). No entanto no desfecho percebemos que na verdade se trata tanto de um conflito quanto de um antagonismo aparentes, e não reais, o que contribui com o comentado desfecho inesperado da história e também com seu tom de leveza e humor.

Tal percepção ocorre por meio do comportamento da secretária, que primeiro intensifica e depois dilui o pretendo conflito... Ela é, portanto, um exemplo de personagem-ajudante. Repare que a menção desta personagem no título do conto sugere a importância que possui, para a compreensão da história.

● Modos de Apresentação de Personagens

Há dois modos clássicos pelos quais o narrador apresenta os personagens numa história:

a **apresentação direta**; através da descrição (que pode ser de traços físicos e/ou de traços psicológicos: sentimentos, pensamentos etc)

Exemplo: *Foram ao drinque, ele recuperou não só a alegria de viver e de fazer anos, como começou a fazê-los pelo avesso, remoçando.*

a **apresentação indireta**, através de falas e de ações dos personagens.

Exemplo:

‘O senhor vai comemorar em casa ou numa boate?’

Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma.

Conclusão Importante

A Verossimilhança na Apresentação de Personagens

Numa narrativa bem construída como a que estamos comentando, percebemos que os personagens possuem uma história além daquela que conhecemos por meio da matéria narrada. O protagonista, por exemplo, refere-se no 1º parágrafo a comportamentos da família anteriores ao momento em que se inicia a história (Foi trombudo para o escritório.) No final, ficamos imaginando sua expressão de surpresa e talvez de um certo vexame, enquanto recebe a surpresa...

Assim, para tomar mais bem escrita e verossímil a história que vamos contar, devemos tentar inseri-la no conhecimento que temos do mundo, imaginando como nossos personagens eram antes do conflito que pretendemos elaborar, e também como seriam após a última linha do texto...

Se conseguirmos esse grau de verossimilhança na lógica do texto - associando-a à lógica do real - transformaremos nossa história naquilo que é, de fato, uma história: um *flash* na vida de alguém, que talvez possa mudá-la parcial ou totalmente, mas que não deixa de ser um *flash*... desta forma, não há dúvida de que nossos leitores ficarão mais atentos e interessados naquilo que estivermos contando...

● Tipos de Discurso

O discurso que reproduz fidedignamente a fala dos personagens chama-se **discurso direto**. Este tipo de discurso nos é apresentado convencionalmente por meio de verbos de elocução ou verbos *discendi*, e também de sinais de pontuação: aspas ou dois pontos e travessão.

Já o **discurso indireto** é aquele em que o narrador filtra ao leitor tanto a fala quanto os pensamentos e sentimentos dos personagens, incorporando-os a sua linguagem, por meio dos mencionados verbos de elocução ou verbos *discendi*, seguidos de conjunção integrante: que, se.

O **discurso indireto** livre, por sua vez, ocorre quando não podemos precisar com exatidão se a fala, o pensamento ou o sentimento presentes numa história pertencem ao narrador ou aos personagens, pois o narrador expressa o fluxo de consciência dos personagens, confundindo-o com sua própria voz narrativa.

Exemplo:

‘O senhor vai comemorar em casa ou numa boate?’ - discurso direto.

Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma. – discurso indireto.

Fazer anos é uma droga, ninguém gostava dele neste mundo, iria rodar por aí à noite, solitário, como o lobo da estepe. - discurso indireto livre.

‘Se o senhor quisesse, podíamos jantar juntos’, insinuou ela, discretamente. - discurso direto.

E não é que podiam mesmo? Em vez de passar uma noite besta, ressentida - o pessoal lá em casa pouco está me ligando -, teria horas amenas, em companhia de uma mulher que - reparava agora - era bem bonita. - discurso indireto livre.

Observação:

Repare que o narrador de *Caso de Secretária* conta a história do ponto de vista do personagem principal. Além de descrever seus sentimentos e pensamentos, ele recria o seu fluxo de consciência, a sua fala interior, por meio do discurso indireto livre. Assim, o texto articula com inteligência narrativa a surpresa do final; ela pertence ao protagonista, mas contamina o leitor, já que este conhece o enredo exclusivamente por intermédio daquele.

A crônica de Carlos Drummond de Andrade nos mostra, enfim, que os modos de apresentação de personagens numa história, e também os tipos de discurso utilizados, devem ser pensados em função da intenção do autor, dos efeitos que quer provocar com sua narrativa.

3 - Enredo: modos de organização e tipos

O enredo, isto é, a organização de ações ou acontecimentos com os quais tecemos uma narração, pode se dividir basicamente em dois tipos:

Enredo linear: é aquele que obedece uma seqüência lógica e cronológica de ações - início / desenvolvimento / desenlace ou desfecho. Ex: *Caso de Secretária*.

Enredo não-linear: é aquele em que ocorrem saltos na seqüência de ações, omitindo fatos, sugerindo acontecimentos, apresentando cortes temporais, quebrando a seqüência lógica e cronológica da história. Nesse tipo de narrativa, o tempo cronológico e o espaço concreto são substituídos por *flashbacks* (retrospectivas ou voltas), *flashforwards* ou prolepses (antecipações), ou ainda, algumas vezes, são suprimidos.

A narrativa de natureza complexa, em que se misturam passado, presente e futuro, normalmente é estruturada por um enredo não-linear.

Leitura Comentada

Tantas Mulheres

Descobrisse ela que a amava com tal fúria, estava perdido. A salvação era fugir e, com a desculpa da mãe doente, afastou-se alguns dias da cidade.

- Há tanto tempo, João!
- Pois é, mãe.
- Deixe-me vê-lo, meu filho. Você está um homem.

Encontrou o quarto arrumado, como no dia em que partira, havia quantos anos? Bebia sozinho nos bares, voltava de madrugada para casa.

- É você, meu filho?
- Durma bem, mãezinha.

Ganhar a paz na renúncia do amor. Éle, que era de gesto violento, não tinha coragem de arrancar a faca do coração? Ah, quanta vergonha na partida, em que havia ido às duas da manhã, debaixo de chuva, espiar a janela fechada. Nem sequer chovia - ele que chorava. Não enxugava a lágrima quente no olho, fria no canto da boca. Bem sabia por que dissera consigo quando o avião pousou: "Não se alegre, cara feia, você foi poupado para morte pior".

A mãe ali na porta:

- Meu filho, soube de uma coisa muito triste.
- Que é, mãe?
- Você gosta da mulher de outro. Verdade, João? São tristes os seus olhos.
- Iguais aos seus, mãe.

Bebia no gargalo, jogava paciência no quarto, lembrou-se de comprar escova de dente. Antes de vestir o paletó, enxergou a mosca sobre as cartas: "Há que matar essa bichinha". Depois de matá-la, poderia sair. Gentilmente a perseguiu: "mosca pelo nariz, a lágrima correu do olho", repetia com seus botões, "nariz da mosca é olho da lágrima" - e com o jornal dobrado esmagou a mosca.

"Era outra bichinha, não a mesma." Remoendo a dúvida, das dez da noite às duas da manhã, ainda sem paletó, quando passou pelo sono. "Que foi que me aconteceu" - interrogava-se. as mãos na cabeça - "a que ponto me degradei?"

Chegara a sua vez, fora apanhado. Pensava na amada, olho perdido num objeto qualquer, deixava de vê-lo e o coração latia no peito. Não havia perigo: que é o ato gracioso de beijar uma boca, qual a lembrança de uma noite? Sou um homem, com experiência da vida. Depois, encurralado no velho sofá de veludo, sem fugir dos olhos acesos a cada fósforo - e nunca mais beijar o pequeno seio como quem bebe água na concha da mão.

Chovia, ela aninhava-se nos seus braços, a face trêmula das gotas na vidraça. Cada gesto uma descoberta: a maneira de erguer o rosto para o beijo e de sorrir, aplacada, depois do beijo. Estendida nua entre as flores desbotadas do sofá: *Eu não gastei de outro...* Mentia, bem que ela mentia! *Doente de amor. Quero você. Venha por cima de mim. Nunca mais livre do teu peso.*

- Tenho de voltar, mãe.
- Não disse que ficava uma semana?
- Pois é, mãezinha.
- Por causa do emprego, meu filho?

- Assunto urgente. Um amigo me chama. Caso de vida ou morte. Não sei o que se passa comigo. Estou em aflição, tremo sem saber por quê. A senhora me ajude, mãe. Um mau-olhado estragou minha vida. Estranho e misterioso, não sei o que é. Sem ânimo para nada. Não durmo, não como, pouco falo. Quem sofre é a senhora. Sei que ficará preocupada, mas não deve. Que será isso, mãezinha? Desespero tão grande que tenho medo. Bem pode ser alguma mulher. Tantas passaram pela minha vida.

Comentários

Observe que neste conto de Dalton Trevisan há uma clara intersecção entre dois tempos: o tempo do agora da narração, em que o protagonista se afasta da mulher amada e vai visitar a mãe, e o tempo de que se lembra: os momentos de amor dos quais não consegue se libertar, mesmo sabendo que ela tem outro homem... Trata-se, assim, de um texto narrativo que exemplifica o **enredo não-linear**, por meio de *flashbacks*.

Nele o passado invade o presente pela força do amor, que inclusive não permite que o protagonista minta à mãe, no último parágrafo, como inicialmente tenta fazer.

Outro elemento interessante presente no texto, que merece atenção, é a **linguagem condensada, quase telegráfica**, com que o autor, também se utilizando de **discurso indireto livre**, encena o desespero de um homem violento, que se sente irremediavelmente apaixonado...

4 - Elementos constitutivos do texto narrativo

Além dos **personagens** e do **enredo**, que já estudamos, os elementos constitutivos da narrativa são o **narrador** - a voz que conta a história -, as circunstâncias de **tempo** e **lugar** - e, finalmente, a **linguagem** que, por ser o produto final do texto, a matéria-prima pela qual ele é tecido, engloba todos os demais.

Vamos visualizar tais elementos, a partir das perguntas que os compõem:

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO TEXTO NARRATIVO	
O quê?	Ação (enredo)
Quem?	Personagens (protagonistas, antagonistas, personagens-ajudantes)
Como?	O modo pelo qual a ação ocorreu
Quando?	Tempo; o momento ou a época em que a ação ocorreu
Onde?	Espaço; o lugar onde a ação ocorreu
Porquê?	Causas, razões, motivos pelos quais a ação ocorreu
Por isso...	Decorências, resultados ou conseqüências da ação

Comentários

Nem todos os elementos apresentados estão explicitados em todas as narrações.

É necessário, porém, que os consideremos, para escrevermos um texto narrativo que seja completo, em função de sua situação de produção.

Por meio de tal roteiro, você pode **enumerar** e **selecionar** os fatores que comporão o seu texto narrativo, procurando dar-lhe coerência, verossimilhança, unidade e expressividade, de forma que desperte a atenção e o interesse do leitor...

5 - Narrador e foco narrativo

Chamamos de **narrador** a categoria narrativa por meio da qual o autor conta uma história. O narrador, a voz que conta a história, é, então, um elemento imaginário; faz parte do reino da ficção, assim como os personagens e os acontecimentos que a vivenciam, caso se trate de uma narrativa literária.

O estudo dos modos possíveis de contar uma história, isto é, das posições do narrador perante o que conta é conhecido como **foco narrativo**: trata-se do questionamento, na ficção, de quem narra, de como se narra, dos ângulos de visão através dos quais se narra.

Há, basicamente, dois tipos de foco narrativo: aquele em que o narrador que conta a história também participa dela, como personagem (**narração em primeira pessoa: personagem-narrador**) e aquele em que o narrador não participa da história que conta.

Este segundo narrador existe nas **narrações em terceira pessoa** e se subdivide em dois tipos:

Narrador-observador: o narrador conta a história como mero observador dos acontecimentos, dos quais não participa diretamente. Não sabe, a respeito do que acontece, mais do que pode observar. Passa para o leitor os fatos como os teria enxergado.

Narrador-onisciente: o narrador é capaz de revelar tudo sobre o enredo e os personagens da história. Ele conhece e expressa o próprio pensamento, a própria voz interior dos personagens, desvendando seus monólogos e diálogos íntimos. Às vezes, sabe até vivências inconscientes dos personagens, ou seja, sabe mais deles do que eles próprios. Geralmente, este tipo de narrador faz uso do discurso indireto livre, como vimos em *Caso de Secretária* e *Tantas Mulheres*, textos que exemplificam este tipo de narrador.

Leitura Comentada: Uma narrativa com personagem-narrador

O andarilho e sua sombra

Sempre que posso, saio a pé pelas ruas da cidade. Onde quer que more, com ou sem trânsito, é assim. Nada para mim substitui o contato direto com a rua, a ótica nua do pedestre e o exercício suave da condição de bípede reflexivo. Adoro quando me acontece de poder caminhar até o local de algum compromisso ou encontro e considero um privilégio inconfessável o luxo de perambular a esmo, sem propósito definido, pelo simples prazer peripatético de espiar, devanear e ruminar.

Não é sempre, porém, que me permito o luxo desse esbanjamento. Só quando sinto que cumpri alguma tarefa e, de certa forma, conquistei o direito de vagabundear um pouco. Na era do politicamente correto e da máxima eficácia em tudo, temo a chegada do dia em que o deleite inocente de se caminhar sem expectativa de ganho e sem propósito definido seja considerado um crime.

Um dia desses, não faz muito tempo, eu estava a poucos quarteirões de casa quando fui abordado na calçada por um homem de aparência humilde e jeito acanhado. Não era um mendigo. Parei e perguntei o que era.

Ele então apontou para uma pequena placa do canteiro de obras e me pediu, assim meio de lado, se eu podia ler para ele o que estava escrito nela. Queria saber, explicou, se estavam oferecendo emprego.

Li a placa em voz alta ("vende-se material usado"), lamentei que não era o caso e sugeri que fosse ao vigia da obra perguntar se estavam precisando de gente. Nunca mais o vi.

O episódio em si não durou mais que um par de minutos, talvez nem isso. Mas a situação daquele homem simples procurando emprego, o dedo furtivo apontando a placa e a interrogação muda estampada em seu rosto expectante têm me acompanhado de forma intermitente desde aquela manhã.

A sensação imediata, enquanto andava de volta para a casa, foi de um mal-estar difuso e uma ponta de remorso. A estranha dignidade daquele gesto difícil mexeu comigo. Como aquele sujeito teria vindo parar ali? Teria família, filhos, dívidas? Ele não parecia desesperado. Mas até que ponto, eu me perguntava, as aparências revelavam o seu estado?

Comecei a pensar nas dificuldades e embaraços inusitados que alguém como ele enfrenta cotidianamente. Como se vira um analfabeto no cipoal urbano de São Paulo? Como faz para encontrar um endereço, apanhar o ônibus certo, contar o troco, não ser trapaceado na quitanda da esquina?

O analfabetismo numa grande cidade chega a ser uma deficiência tão debilitadora quanto a cegueira ou a surdez. É todo um universo de informação que se fecha, que nunca se abriu. Como nós que lemos e escrevemos como quem respira e caminha podemos sequer vislumbrar o que possa ser isso?

E por que diabos não fui mais solidário? O que me custaria, afinal, ser mais solícito e tentar ajudá-lo a se orientar um pouco? Podia, ao menos, ter perguntado se precisava de dinheiro para tomar uma condução. Inverti, na imaginação, os papéis: o que eu, no lugar dele, esperaria de alguém como eu? Vontade (abstrata) de voltar no tempo, ser melhor do que fui. Era tarde. Será diferente da próxima vez?

(Eduardo Giannetti - Folha de São Paulo, 02/04/98)

Comentários

Observe que aqui temos uma narrativa em **1ª pessoa, com personagem-narrador**.

Este personagem-narrador, nos dois parágrafos iniciais, cria descritivamente as circunstâncias em que se dá o episódio narrado. Além disso, após a narração, ele coloca um parágrafo explicativo, a partir do qual passa a dissertar, isto é, a refletir sobre o que ocorreu.

Exemplo:

O episódio em si não durou mais que um par de minutos, talvez nem isso. Mas a situação daquele homem simples procurando emprego, o dedo furtivo apontando a placa e a interrogação muda estampada em seu rosto expectante têm me acompanhado de forma intermitente desde aquela manhã.

Esta reflexão abrange uma questão social, de grande relevância em nosso país:

O analfabetismo numa grande cidade chega a ser uma deficiência tão debilitadora quanto a cegueira ou a surdez. É todo um universo de informação que se fecha, que nunca se abriu.

Outro elemento interessante presente no texto é que, ao colocar em 1ª pessoa, isto é, como narrador e simultaneamente como personagem da matéria narrada, o autor transforma-se em fato-exemplo de outra questão social, tão grave quanto a mencionada: trata-se das diferenças sociais e, mais do que isso, da falta de solidariedade entre as pessoas.

Exemplo:

Como nós que lemos e escrevemos como quem respira e caminha podemos sequer vislumbrar o que possa ser isso?

E por que diabos não fui mais solidário? O que me custaria, afinal, ser mais solícito e tentar ajudá-lo a se orientar um pouco?

Desta forma, temos um exemplo de narração dissertativa, com elementos descritivos, num contexto de jornalismo opinativo. Note que a presença do eu não apenas narrando, mas se inserindo no narrado, aumenta a vitalidade do texto, torna-o mais expressivo e conseqüentemente mais propício não apenas à compreensão intelectual, mas, ainda, à adesão emocional do leitor àquilo que lê. Trata-se, enfim, mais uma vez, de conciliar o **esclarecer convencendo** e o **impressionar agradando**... no processo de elaboração textual.

6 - Tempo e espaço

Na medida em que fazem parte da estrutura do texto narrativo, as categorias de **tempo** e de **espaço** - o **quando** e o **onde** da história - precisam combinar-se e articular-se de forma que não seja possível compreendê-los isoladamente, ou seja, independentemente do narrador, do enredo, dos personagens etc.

Em outras palavras, a coerência e a verossimilhança do texto narrativo dependem da implicação mútua entre tempo e espaço, e também da implicação de ambos com os outros elementos constitutivos da narração.

Exemplo: Perceba que o fato de ambientar-se na cidade de São Paulo, um exemplo de grande metrópole, e também o fato de ter claras marcas temporais que remetem aos nossos dias, à contemporaneidade, constituem elementos imprescindíveis à compreensão de *O andarilho e sua Sombra*, tanto no que diz respeito à estruturação do texto, quanto no que diz respeito à análise de seu significado.

• Tempo cronológico e tempo psicológico

O **tempo cronológico** predomina numa narrativa quando ela privilegia os acontecimentos exteriores, imitando a forma como ocorrem na realidade.

Já o **tempo psicológico** predomina no caso da narrativa que enfoca os estados interiores dos personagens.

Exemplo: *O andarilho e sua Sombra* e *Caso de Secretária* são narrativas em que predomina o tempo cronológico, enquanto em *Tantas Mulheres*, de Dalton Trevisan, o tempo psicológico se mistura com o cronológico, deixando-o em segundo plano.

Leitura Comentada: Uma narrativa com Narrador-Observador

Os elementos narrativos: revisão

Continuidade dos parques

Começara a ler o romance dias antes. Abandonou-o por negócios urgentes, voltou à leitura quando regressava de trem à fazenda; deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens. Nessa tarde, depois de escrever uma carta a seu procurador e discutir com o capataz uma questão de parceria, voltou ao livro na tranquilidade do escritório que dava para o parque dos carvalhos. Recostado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o teria incomodado com uma irritante possibilidade de intromissões, deixou que sua mão esquerda acariciasse, de quando em quando, o veludo verde e se pôs a ler os últimos capítulos. Sua memória retinha sem esforço os nomes e as imagens dos protagonistas; a fantasia novelesca absorveu-o quase em seguida. Gozava do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava, e sentir ao mesmo tempo que sua cabeça descansava comodamente no veludo do alto respaldo, que os cigarros continuavam ao alcance da mão, que além dos janelões dançava o ar do entardecer sob os carvalhos. Palavra por palavra, absorvido pela trágica desunião dos heróis, deixando-se levar pelas imagens que se formavam e adquiriam cor e movimento, foi testemunha do último encontro na cabana do mato. Primeiro entrava a mulher, receosa; agora chegava o amante, a cara ferida pelo chicotado de um galho. Ela estancava admiravelmente o sangue com seus beijos, mas ele recusava as carícias, não viera para repetir as cerimônias de uma paixão secreta, protegida por um mundo de folhas secas e caminhos furtivos, o punhal ficava morno junto a seu peito, e debaixo batia a liberdade escondida. Um diálogo envolvente corria pelas páginas como um riacho de serpentes, e sentia-se que tudo estava decidido desde o começo. Mesmo essas carícias que envolviam o corpo do amante, como que desejando retê-lo e dissuadi-lo, desenhavam desagradavelmente a figura de outro corpo que era necessário destruir. Nada fora esquecido: impedimentos, azares, possíveis erros. A partir dessa hora, cada instante tinha seu emprego minuciosamente atribuído. O reexame cruel mal se interrompia para que a mão de um acariciasse a face do outro. Começava a anoitecer. Já sem se olhar, ligados firmemente à tarefa que os aguardava, separaram-se na porta da cabana. Ela devia continuar pelo caminho que ia ao Norte. Do caminho oposto, ele se voltou um instante para vê-la correr com o cabelo solto. Corre por sua vez, esquivando-se de árvores e cercas, até distinguir na rósea bruma do crepúsculo a alameda que o levaria à casa. Os cachorros não deviam latir, e não latiram. O capataz não estaria àquela hora, e não estava. Subiu os três degraus do pátio e entrou. Pelo sangue galopando em seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher: primeiro uma sala azul, depois uma varanda, uma escadaria atapetada. No alto, duas portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.

(Júlio Cortázar - Final do Jogo - Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura, 1974)

Comentários

os elementos da narração

- Apresentação de personagem

Você notou que não há descrição física e/ou psicológica do personagem, desde o início do conto? Nele, o protagonista (personagem principal) - um homem de negócios que retoma a leitura de um livro - é apresentado indiretamente, quer dizer, através de ações e não de descrição (apresentação direta).

- Foco narrativo

Por outro lado, trata-se de um personagem que não se confunde com o narrador da história, o qual a conta em terceira pessoa.

O processo de mergulho do protagonista na leitura dos últimos capítulos é lento, mas radical. O narrador o vai revelando como um observador que vê o homem de negócios se despedindo da realidade e entrando em outro mundo: o mundo do livro que lê.

Veja por exemplo o trecho abaixo:

... deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens (...) Recostado em sua poltrona favorita (...) deixou que sua mão esquerda acariciasse, de quando em quando, o veludo verde (...). Gozava do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha,

daquilo que o rodeava e sentir ao mesmo tempo que sua cabeça descansava comodamente no veludo do alto respaldo, que os cigarros estavam ao alcance da mão...

- Construção do enredo - a não-linearidade e o desfecho inesperado

No momento em que se deixa levar totalmente pela leitura, **pelas imagens que se formavam e adquiriam cor e movimento, a história** do homem de negócios se apaga e ele se torna personagem de outra história. Nela há um casal de amantes que se encontram, pela última vez na cabana do mato... O homem de negócios, o leitor da primeira história, vira testemunha do encontro que pertence à segunda: uma história passional, misteriosa, de suspense. Há um triângulo amoroso e alguém deve ser morto...

Assim, trata-se de um **enredo não-linear**: o enredo da 1ª história é suspenso e substituído pelo enredo da 2ª história... até o **desfecho inesperado**, quando ambas se reencontram.

- Tempo e espaço

No momento em que as duas histórias presentes no conto começam a se misturar, há uma frase muito sugestiva para a sua compreensão mais profunda: *Começava a anoitecer*.

Por meio da introdução dessa categoria temporal, o leitor tem pista do que vai ocorrer: a mistura das fronteiras entre a realidade (um homem lê um romance) e a fantasia (o conteúdo do romance que o homem está lendo).

Como sabemos, a noite é propícia à fantasia, pois indefine e contunde os contornos dos seres, tornando imprecisos os limites entre sonho e realidade. Neste clima noturno, crepuscular, dá-se o desfecho do conto, reunindo numa só a primeira e a segunda histórias. Agora, de testemunha que era, o leitor passa a se confundir com a vítima: o homem que vai ser morto pelo amante da mulher, a qual parece ser a autora das indicações para se cometer o assassinato:

Subiu os três degraus do pátio e entrou. Pelo sangue galopando em seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher: primeiro uma sala azul, depois uma varanda, uma escadaria atapetada. No alto duas portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.

Seria o leitor o "marido traído"?

Esta é uma das interpretações possíveis, mas não podemos ter certeza de nada: o assassinato fica subentendido no desfecho do texto, assim como fica subentendida a "coincidência" entre o leitor e o homem que deve ser morto, através de um tipo de linguagem que já mencionamos - a linguagem telegráfica.

A interpenetração de histórias, que quebra a linearidade do enredo e provoca o desfecho inesperado, surpreendente, constituem elementos fundamentais da construção do enredo do conto. Um conto cuja última cena evoca o seu início: um homem de negócios lendo um romance...

Nele ocorre exatamente o que o título sugere, por meio da evocação de uma categoria espacial: *continuidade dos parques*. Essa categoria, tanto quanto aquela que se refere ao tempo (tarde / crepúsculo / noite), mostra-nos o deslizar entre realidade e fantasia, que se dá no decorrer da história.

O parque dos carvalhos que serve de cenário ao leitor é o mesmo em que ocorre a busca do homem que precisa ser morto; quer dizer, o espaço da realidade continua na fantasia novelesca, provocando a interpenetração entre ambas, quando de fato mergulhamos na leitura de um livro...

Conclusões importantes

A escolha do tipo de narrador; a propriedade do foco narrativo, da caracterização dos personagens; a adequação das falas; a coerência interna do enredo etc, constituem os elementos característicos do texto narrativo, que devem ser levados em conta para se compor

uma história. Além de organizá-los com coerência e verossimilhança, é necessário também avaliar a originalidade da construção, a criação pessoal, ou seja, a capacidade de invenção e de articulação de uma trama.

Entretanto, na medida em que todos esses aspectos se expressam via linguagem, ela os engloba e lhes dá consistência. Portanto, o principal critério para se avaliar um texto narrativo é verificar sua estrutura lingüística, tendo em vista a adequação entre forma e conteúdo, entre intenção - o que se pretendeu contar - e realização - o que efetivamente se conseguiu contar.

7 - Procedimentos anti-narrativos (e/ou que devem ser evitados no texto narrativo)

a) Sobre a progressão de ações:

em vez de:

enredo desequilibrado (sem noção de ritmo), com problemas na sucessão de fatos (saltos ou acúmulos impertinentes)/enredo minucioso, detalhista, que não prenda o interesse do leitor;

é preciso:

criar uma seqüência expressiva de ações, com alterações significativas e desfechos não previsíveis, que sejam compatíveis com história narrada;

b) Sobre o conflito:

em vez de:

conflito inexpressivo/desgastado/abandonado ou ausente;

é preciso:

saber criá-lo com coerência e expressividade, articulando-o com os demais elementos narrativos;

c) Sobre os personagens:

em vez de:

personagens mal caracterizados/inverossímeis/artificiais ou sem função para a inteligibilidade da história;

é preciso:

saber relacionar os elementos caracterizadores dos personagens e articulá-los de forma consistente com o conflito apresentado;

d) Sobre o foco narrativo:

em vez de:

confundir as categorias autor e narrador/alterar o foco narrativo, sem objetivo específico;

é preciso:

adequar o foco narrativo à história narrada e aos personagens;

e) Sobre o espaço e o tempo:

em vez de:

marcação temporal inexpressiva e desarticulada/marcação espacial meramente decorativa, sem integração com as mudanças temporais;

é preciso:

aproveitar adequadamente a funcionalidade de tais categorias para a fabulação, o que pressupõe o conhecimento da relação / tempo / espaço;

f) Sobre a linguagem:

em vez de:

linguagem inexpressiva, artificial, descontextualizada em relação aos personagens e/ou ao tipo de enredo escolhido;

é preciso:

adequar forma e conteúdo, texto e contexto, correção gramatical e uso de elementos expressivos, magia e arquitetura, inspiração e transpiração.

3º núcleo – Dissertação

1 - Definição: o que é dissertar

Dissertar é discutir assuntos, debater idéias, tecer opiniões, **delimitando um tema** dentro de uma questão ampla e **defendendo um ponto de vista**, por meio de **argumentos convincentes**.

Portanto, no texto dissertativo - um tipo de texto lógico-expositivo - colocamo-nos criticamente perante alguma dimensão da realidade e, mais do que isso, fundamentamos nossas idéias; explicitamos os motivos pelos quais pensamos o que pensamos.

Assim, quando escrevemos dissertativamente estamos exercitando a nossa capacidade crítica, a lucidez questionadora de nós mesmos e do mundo, a aventura de defender opiniões próprias, num contexto reflexivo - de discussão e de debate.

Trata-se, também, de uma **experiência de comunicação**: é necessário estruturar o texto dissertativo com organização lógica de idéias e com linguagem clara e adequada, para que ele possa persuadir o leitor.

Leitura Comentada: Um parágrafo dissertativo

O texto argumentativo pressupõe uma concepção da linguagem enquanto uma **relação dialógica**, uma vez que quem argumenta, o faz com vista a convencer um interlocutor. Isto significa poder movimentar-se dentro do texto segundo **diferentes perspectivas**, ter em mente uma representação do interlocutor e relacionar-se com ela, antecipando possíveis objeções, esclarecendo pontos de vista, defendendo argumentos, apresentando idéias contrárias e refutando-as. Desta forma, a argumentação se realiza num espaço entre o estabelecimento de um sujeito e a representação de um interlocutor.

(J.A. Durigan, M.B. Abaurre, Y. Frateschi Vieira (org.) - A magia da mudança - Vestibular Unicamp: Língua e literatura - Campinas, Editora da Unicamp, 1987)

Comentários

O Parágrafo dissertativo: ponto de vista e argumentação

O texto lido é um exemplo típico de parágrafo dissertativo. Para compreender as razões de tal afirmação, considere as seguintes definições:

“O parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve alguma idéia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela”.

(Othon M. Garcia – Comunicação em Prosa Moderna – Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996)

“O parágrafo é uma unidade de composição suficientemente ampla para conter um processo completo de raciocínio e suficientemente curta para nos permitir a análise dos componentes desse processo, na medida em que contribuem para a tarefa da comunicação”.

(Francis X. Trainor e Brian K. McLaughlin – citados por Othon M. Garcia – Comunicação em Prosa Moderna – Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996)

Associando ambas as definições, podemos perceber as características essenciais do tipo mais comum de parágrafo, o parágrafo-padrão utilizado no texto dissertativo, já que seu núcleo é uma idéia, um ponto de vista, uma declaração. (E não um quadro, que constitui o núcleo do parágrafo descritivo, ou um episódio, por sua vez o núcleo do parágrafo narrativo.)

Características do parágrafo-padrão dissertativo

- possui uma idéia-núcleo + idéias secundárias;
- é ao mesmo tempo amplo (pois comporta um processo completo de raciocínio) e curto (pois permite a análise dos componentes desse processo).

Por meio do exemplo dado, vejamos como se organiza o parágrafo-padrão dissertativo:

● introdução: apresentação do tópico frasal

Trata-se da colocação sucinta de uma idéia-núcleo, que pode ser uma opinião pessoal, um juízo ou uma declaração, de qualquer tipo.

Exemplo: *O texto argumentativo pressupõe uma concepção da linguagem enquanto uma relação dialógica...*

● desenvolvimento: justificação, fundamentação da idéia núcleo

Exemplo: *... uma vez que quem argumenta, o faz com vista a convencer um interlocutor. Isto significa poder movimentar-se dentro do texto segundo diferentes perspectivas, ter em mente uma representação do interlocutor e relacionar-se com ela, antecipando possíveis objeções, esclarecendo pontos de vista, defendendo argumentos, apresentando idéias contrárias e refutando-as.*

● conclusão (aparece mais raramente): reafirmação da idéia-núcleo

Desta forma, a argumentação se realiza num espaço entre o estabelecimento de um sujeito e a representação de um interlocutor.

Conclusão importante

Feita a divisão do parágrafo - idéia-núcleo + idéias secundárias (introdução / desenvolvimento / conclusão) - passemos à análise de seus componentes:

- a introdução apresenta uma **declaração**, que se refere à concepção de linguagem pressuposta no texto argumentativo (a linguagem enquanto relação dialógica);
- o desenvolvimento **fundamenta racionalmente** a declaração, por meio de dois argumentos lógicos: enquanto o primeiro argumento apresentado é o de causa, quer dizer, é aquele que explica o motivo que justifica a declaração - (... uma vez que (porque) quem argumenta, o faz com vista a convencer um interlocutor); o segundo dá seus desdobramentos, suas decorrências: (Então; portanto) Isto significa poder movimentar-se dentro do texto segundo diferentes perspectivas, ter em mente uma representação do interlocutor e relacionar-se com ela, antecipando possíveis objeções, esclarecendo pontos de vista, defendendo argumentos, apresentando idéias contrárias e refutando-as.
- a conclusão reafirma a declaração, acrescentando-lhe novos elementos: Desta forma (sendo assim), a argumentação se realiza num espaço entre o estabelecimento de um sujeito e a representação de um interlocutor.

Assim, podemos concluir que a essência do parágrafo dissertativo, e por extensão da dissertação como um todo, está na capacidade de **relacionar ponto de vista & argumentação**.

2 - Tipos de argumentação

Para argumentar, isto é, para fundamentar reflexivamente os pontos de vista que defendemos num texto dissertativo, utilizamo-nos essencialmente de raciocínios e de fatos.

Portanto, os tipos básicos de argumentação existentes são a **argumentação pelo raciocínio de causa e consequência** e a **argumentação por exemplificação**, que passaremos a enfocar.

2.1 - Argumentação pelo raciocínio de causa e consequência

Já vimos que o principal elemento constitutivo de nossas redações dissertativas está na relação adequada entre ponto de vista e argumentação. Vamos, então, aprofundar um pouco esse assunto. Os pontos de vista defendidos nesse tipo de texto não devem ser avaliados pelos posicionamentos ideológicos que apresentam, mas pela capacidade de argumentação que possuem, o que implica critérios como coerência, clareza e organização lógica das idéias.

Nesse sentido, o aspecto mais importante do texto dissertativo é o processo de argumentar, de fundamentar competentemente aquilo que se afirma.

Para desencadear esse processo, precisamos nos perguntar o quê e porquê pensamos o que pensamos: **o que pensamos sobre o tema? Por quê?**

Ao fazê-lo, encontramos a **principal relação lógica-argumentativa: a de causa e consequência, premissa e conclusão**.

Chamamos de **causas** ou **premissas**, os **fundamentos**, as **justificativas** de nossa opinião. E de **consequências** ou **conclusões**, as **decorrências**, os **desdobramentos** da opinião, do ponto de vista que defendemos.

Exemplo:

É sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso. Explico-me. Todo sofrimento alheio a preocupa, e acende nela o facho da ação, que a torna feliz. Não distingue entre gente e bicho, quando tem de agir, mas, como há inúmeras sociedades (com verbas) para o bem dos homens, e uma só, sem recurso, para o bem dos animais, é nesta última que gosta de militar. Os problemas aparecem-lhe em cardume; e parece que a escolhem de preferência a outras criaturas de menor sensibilidade e iniciativa.

(Carlos Drummond de Andrade - Fala, amendoeira - Poesia e Prosa, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988)

Vejamos como se estrutura esse parágrafo, de Carlos Drummond de Andrade:

Introdução

- tópico frasal (declaração): É sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso.

- Desenvolvimento - Argumentação

a) Apresentação de causas: Porque, pois

Porque, pois

Todo sofrimento alheio a preocupa e acende nela o facho da ação, que a torna feliz.

Porque, pois

Não distingue entre gente e bicho, quando tem de agir ...

b) Apresentação de consequências:

Logo, portanto,

Os problemas aparecem-lhe em cardume.

Logo, portanto,

(os problemas) parece que a escolhem de preferência a outras criaturas de menor sensibilidade e iniciativa.

Existem duas maneiras básicas de apresentarmos este tipo de argumento, ou seja, de raciocinarmos relacionando justificativas / motivos / causas / premissas e decorrências / efeitos / conseqüências / conclusões:

- **partimos da causa ou premissa para chegarmos à conseqüência ou conclusão;**
- **ou, inversamente, partimos da conclusão para chegarmos à premissa:**

Exemplo 1: É sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso. Explico-me. Todo sofrimento alheio a preocupa, e acende nela o facho da ação, que a torna feliz.

a) Da causa para a conseqüência

Causa

Todo sofrimento alheio preocupa (a minha amiga), e acende nela o facho da ação, que a torna feliz.

Conclusão

Portanto, então...

É sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso.

b) Da conseqüência para a causa

É sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso.

porque (já que, uma vez que) *todo sofrimento alheio a preocupa, e acende nela o facho da ação, que a torna feliz.*

Observação:

Repare que, como normalmente ocorre com os parágrafos desenvolvidos por apresentação de razões, em ambos os exemplos o tópico frasal passa a enunciar as conseqüências.

Exemplo 2: *É sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso. Os problemas aparecem-lhe em cardume.*

a) da causa para a conseqüência:

Causa

É sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso.

Conseqüência

Logo, portanto, os problemas aparecem em cardume (à minha amiga)

b) da conseqüência para a causa:

Conseqüência

Os problemas aparecem em cardume (à minha amiga)

Causa

Porque, já que, uma vez que *é sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso.*

Observação:

Repare que, como normalmente ocorre com os parágrafos desenvolvidos por apresentação de efeitos ou decorrências, em ambos os exemplos o tópico frasal passa a enunciar a causa.

● Causa da Causa / Consequência da Consequência

Para desenvolver e aprofundar este tipo de raciocínio, é necessário ir acrescentando causas à causa colocada, e, igualmente, ir acrescentando consequências à consequência colocada. Vejamos como se dá esse processo:

Exemplo 3: É sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso. Explico-me.

Causa 1:

Porque, pois... *Todo sofrimento alheio a preocupa, e acende nela o facho da ação, que a torna feliz.*

Causa 2 (causa da causa):

Porque, pois... *Não distingue entre gente e bicho, quando tem de agir ...*

Exemplo 4: É sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso.

Consequência 1:

Portanto... *Os problemas aparecem-lhe em cardume...*

Consequência 2 (consequência da consequência)

Portanto... *(Os problemas) parece que a escolhem de preferência a outras criaturas de menor sensibilidade e iniciativa.*

Conclusão importante

O estudo realizado sobre o parágrafo de Drummond, além de nos permitir perceber seu processo de estruturação argumentativa, mostrou-nos uma primeira forma prática e eficiente de criar nossos argumentos, que resumidamente consiste em:

- relacionar causa e consequência, premissa e conclusão;
- enumerar causas da causa e consequências da consequência;
- ordenar em principais e secundárias as idéias apresentadas, até conseguir uma argumentação clara, sólida e portanto eficaz.

2.2 - Argumentação por exemplificação

Além da apresentação de razões e decorrências, podemos fundamentar nossas posições num texto dissertativo por meio de outros recursos argumentativos, dentre os quais ressaltamos a exemplificação, a apresentação de dados e fatos.

Os dados e fatos, colhidos tanto da experiência vivida quanto de informações das mais diferentes fontes - revistas, jornais, livros etc - constituem uma espécie de alicerce de nossos textos dissertativos, uma vez que tornam as idéias corretas, materializadas, vivas, diante do leitor. Isso faz com que ele possa não apenas raciocinar, mas perceber sensorialmente conosco o que estamos procurando defender.

Assim, a exemplificação não apenas constitui um elemento de persuasão, mas também auxilia a formular o raciocínio, podendo diminuir problemas de clareza que aconteçam na apresentação de nossas idéias e/ou no entendimento delas por parte do leitor.

Com dados que funcionem como fatos-exemplos, podemos, então, proporcionar maior solidez às nossas dissertações, desde que saibamos interpretá-los, quer dizer, desde que percebamos se são pertinentes, se são suficientes, se há coerência entre eles e o que estamos afirmando.

Escolher dentre os dados conhecidos os mais oportunos para a defesa da posição que se assume, organizá-los de modo consistente com as hipóteses que os expliquem, integrá-los a outras informações de que se dispõe, aumentando a riqueza e a originalidade do texto, implica duas capacidades decisivas: saber interpretá-los e saber reuni-los, transformá-los em conjuntos, em função do caráter generalizador do texto dissertativo.

“Os fatos em si mesmos às vezes não bastam: para que provem é preciso que sua observação seja acurada e que eles próprios sejam adequados, relevantes, típicos ou característicos suficientes ou fidedignos”.

(Othon M. Garcia – Comunicação em Prosa Moderna – Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996)

Exemplo:

Miséria absoluta: eis o nome da doença social brasileira. A mortalidade infantil. A discrasia da fome. O aviltamento do trabalho. A favela. Seria de esperar que essa doença se transformasse em consciência política. A miséria se politizaria, passando a integrar o campo da luta de classes. É preciso fazer a reforma agrária. É preciso fixar, no campo, o homem do campo. É preciso honrar e reverenciar o trabalho humano, através de salários condignos. Para tanto, há que questionar, sem temor e tremor, o privilégio dos ricos.

(Hélio Pellegrino - A Burrice do Demônio - Rio de Janeiro, Rocco, 1988 - texto adaptado)

Comentários

Observe que o parágrafo lido possui uma idéia-núcleo, um tópico frasal - *Miséria absoluta: eis o nome da doença social brasileira* - de que decorre uma suposição esperançosa, expressa por meio de raciocínio condicional: *Seria de esperar que essa doença se transformasse em consciência política. A miséria se politizaria, passando a integrar o campo da luta de classes* (se essa doença se transformasse... **então**, a miséria se politizaria...etc).

Observe também que ambas as declarações são fundamentadas por **enumeração de exemplos**, seja os referentes à realidade constatada - *A mortalidade infantil. A discrasia da fome. O aviltamento do trabalho. A favela.* - seja os referentes à realidade desejada: *É preciso fazer a reforma agrária. É preciso fixar, no campo, o homem do campo. É preciso honrar e reverenciar o trabalho humano, através de salários condignos.*

Na conclusão, reaparece a idéia de condição: *Para tanto, há que questionar, sem temor e tremor, o privilégio dos ricos.*

3 - Dedução e indução

Dedução e indução são dois grandes processos de argumentação, ao mesmo tempo opostos e complementares. Por meio deles, articulamos nossos pensamentos, nossos conhecimentos e nossas intervenções na realidade.

No **raciocínio dedutivo**, **partimos do geral para chegar ao particular**, enquanto no **raciocínio indutivo**, ao contrário, **partimos dos fatos particulares para chegar a uma conclusão geral**.

Assim, escolhermos o caminho dedutivo implica primeiro apresentar uma idéia geral, uma proposição geral, e em seguida chegar a uma idéia ou fato particular.

Já nas induções - método mais freqüente das diversas ciências naturais - a partir da observação metódica, sistemática, dos fenômenos (e/ou das experimentações) tenta-se possivelmente estabelecer leis gerais para todos os fenômenos semelhantes.

Vamos exemplificar a aplicação dos dois tipos básicos de raciocínio:

Tema: provar que os seres humanos precisam de lazer.

Como organizar o raciocínio dedutivamente?

Partindo de uma idéia geral, relativa a todos os elementos de um conjunto:

- Todos os povos precisam de lazer;
- Em todas as épocas históricas, os seres humanos precisaram de lazer; **Portanto**,
- Todos os seres humanos precisam de lazer.

E indutivamente, como seria a organização das idéias?

Partiríamos de uma série de fatos particulares:

- Um homem rico precisa de lazer.
- Um homem pobre ... idem
- Um homem primitivo ... idem
- Um homem moderno..... idem; **Portanto**,
- Todos os seres humanos precisam de lazer.

Ou, ainda, poderíamos partir das diferentes situações concretas de nossa vida:

- Na vida profissional, os seres humanos precisam de lazer.
- Na vida escolar, ... idem
- Na vida familiar, ... idem etc; **Portanto**

Todos os seres humanos precisam de lazer.

3.1 - Processos de raciocínio dedutivo

Existem dois grandes processos de raciocínio dedutivo, que passaremos a estudar: a argumentação condicional e a demonstração pelo absurdo.

a) A argumentação condicional

O raciocínio dedutivo condicional é aquele em que partimos de uma premissa formada por uma condição que levará necessariamente à conclusão que queremos demonstrar.

Por exemplo: a fim de provar que é necessário ter experiência de leitura para criar boas argumentações, partimos de uma ou de algumas condições:

- **se** com experiência de leitura podemos conhecer vários tipos de opiniões sobre vários tipos de assunto;

- **se** com experiência de leitura podemos conhecer uma grande variedade de argumentos que defendem com grande variedade de recursos as idéias a que se referem;

- **se** com experiência de leitura podemos repensar nossas própria reflexões e nossas próprias formas de expressá-las, cotejando-as com o que estamos lendo;

então é necessário ter experiência de leitura para criar boas argumentações.

Observação

Para formular uma argumentação mais completa, é recomendável demonstrar cada uma das condições.

Método Hipotético-Dedutivo

Quando o raciocínio por condições transforma-se num raciocínio por hipóteses, isto é, por teses prováveis, por suposições que norteiam o rumo do pensamento, e que serão ou não

confirmadas nos casos particulares, nos fenômenos e nas experiências concretas, dele se origina o método hipotético-dedutivo.

O encaminhamento do raciocínio por hipóteses - que serão questionadas, ao nível do pensamento e ao nível dos fatos - constitui um dos mais fecundos processos de argumentação, apresentando os seguintes passos:

- a) a formulação da hipótese;
- b) a dedução das conseqüências;
- c) a observação e/ou a experimentação a fim de determinar a verdade e/ou a validade das conseqüências.

Leitura de um exemplo de argumentação por hipótese:

Ainda que exista a hipótese (bem provável), recentemente divulgada pela imprensa, do vírus da Aids criado em laboratórios norte-americanos com o propósito de guerra bacteriológica contra minorias indesejáveis pela cultura Wasp*, não deixa de nos chamar: atenção a leitura metafórica dessa doença, síntese do império dos sentidos sem sentido que começa no século XVIII, com a substituição da dialética das paixões pelas vantagens secundárias da civilização. A doença que se instala onde deveria se instalar o amor consiste na perda de todas as defesas do organismo contra quaisquer doenças, o que é uma espécie de sintoma da introjeção da agressividade, que abandona seu potencial rebelde e transformador para adquirir um caráter suicida. O organismo destrói a si mesmo porque não sabe mais se defender pela agressividade nem se revitalizar no amor.

*Wasp: *White, anglo-saxon and protestant*, brancos, anglo-saxões e protestantes. Designação para os norte-americanos que se consideram legítimos em relação aos diversos integrantes de outras etnias.

(Maria Rita Kehl - A Psicanálise e o Domínio das Paixões - Os Sentidos da Paixão, São Paulo, Funan / Companhia das Letras, 1987)

Comentários

A autora alude a uma hipótese de domínio público sobre tema em questão - as razões do surgimento do vírus da Aids - para em seguida colocar aquela que pretende defender: *a leitura metafórica dessa doença, síntese do império dos sentidos sem sentido que começa no século XVIII...* etc.

A fim de começar a fazer tal defesa, ela coloca a doença como *sintoma da introjeção da agressividade*, que adquire um *caráter suicida*, devido à falta de amor, substituído pelas *vantagens secundárias da civilização*, na modernidade.

Perceba que na conclusão do parágrafo aparece a reafirmação da hipótese, cuja demonstração será feita ao longo do texto como um todo: *O organismo destrói a si mesmo porque não sabe mais se defender pela agressividade nem se revitalizar no amor.*

b) Demonstração pelo absurdo

Esse processo dedutivo é conhecido em matemática como "demonstração indireta".

Embora seja um dos mais sofisticados processos de raciocínio, sua estrutura é relativamente simples: para provarmos que A é verdadeiro, admitimos que A é falso; a partir daí, deduzimos uma conclusão falsa, uma vez que nossa premissa é falsa: é falso que A seja falso. Portanto, A é verdadeiro.

Em outras palavras, refutamos uma posição (que é exatamente o contrário do que queremos provar), mostrando que ela conduz necessariamente a condições inaceitáveis.

Exemplo: Para demonstrar que a felicidade é vital para nós, seres humanos, partimos da idéia contrária: a de que ela não é importante. E vamos tirando conclusões, naturalmente absurdas. Assim, se a idéia de que a felicidade não é importante nos leva a conclusões falsas, trata-se de uma idéia falsa. Então, concluímos que a felicidade é muito importante para nós.

Leitura de exemplos de demonstração pelo absurdo:

O carnaval é a maior data do ano, porque um dia dura três. Maior do que essa data só "véspera de carnaval" - que dura trezentos e sessenta e dois.

O verdadeiro milagre do carnaval é a televisão, que consegue trazer a rua para dentro de casa: por isso não existe mais o carnaval de rua - fica todo mundo em casa vendo na televisão o carnaval de rua.

Todo homem deve tirar férias: é a única maneira de se organizar as preocupações.

(Leon Eliachar - O Homem ao Zero - Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura)

Comentários

Nos três exemplos temos demonstrações pelo absurdo, na medida em que as conclusões contrariam as premissas a que se referem e assim as negam, com grande dose de ironia: recurso retórico por meio do qual esse argumento se expressa.

3.2 - Processos de raciocínio indutivo

Os mais freqüentes processos do raciocínio indutivo - que passaremos a conhecer - são: a argumentação por enumeração/ estatística; a argumentação por analogia; o argumento de autoridade; o argumento contra o homem.

a) Argumentação por enumeração/estatística

Trata-se do tipo mais simples de raciocínio indutivo. De acordo com ele, o que se tem verificado com os elementos do conjunto observado deve, por comparação, por semelhança, verificar-se também com todos os elementos do conjunto. Ou seja, é uma generalização.

Quais são os perigos de concluir e pensar por estatística?

- a generalização ser feita a partir de amostra insuficiente de dados.
- a tendenciosidade da estatística: a escolha do material pesquisado pode ser manipulada de acordo com um interesse prévio sobre a conclusão, o que torna os dados não representativos.

Por exemplo: se uma organização fizer uma pesquisa de opinião sobre as preferências de tipos de poupança e/ou aplicação presentes no mercado, tendo em vista verificar a possível aceitação de um novo produto do mesmo gênero, a ser lançado por ela, seria válido concluir a partir da consulta de apenas um tipo de cliente? A resposta é não, pois haveria insuficiência de dados para se chegar a conclusão

Leitura de um exemplo de argumentação por a enumeração/estatística:

Nossos filhos terão emprego?

A grande maioria das mães de adolescentes e pré-adolescentes se preocupa, com razão, com as perspectivas de emprego de seus filhos e filhas. As notícias sobre o fim do emprego, terceirização, globalização, níveis de desemprego são alarmantes para quem pretende iniciar uma carreira daqui a alguns poucos anos.

Quais são os fatos concretos?

- 1 - As 500 maiores empresas brasileiras não acrescentaram um único emprego novo nos últimos dez anos. Pelo contrário, retiraram do mercado 400.000 postos de trabalho, passando a empregar somente 1,6 milhão de funcionários, o que representa insignificantes 2,3% dos trabalhadores brasileiros.
- 2 - A globalização está dizimando não apenas empresas brasileiras, mas setores inteiros.
- 3 - O crescimento das importações não gera apenas um problema de déficit comercial, mas cria empregos no exterior em detrimento do emprego interno.

Sem querer dar a impressão de um mar de rosas, existem algumas considerações que amenizam este quadro. Dificuldades os jovens terão, mas os argumentos abaixo serão úteis quando o pânico empregatício surgir novamente:

1- O crescimento das importações não durará para sempre no nível atual e nunca chegará a 94% do PIB, desempregando todo mundo, como uma simples extrapolação poderia sugerir. Provavelmente estabilizaremos em torno de 15% as importações, como na Índia e nos Estados Unidos. Oitenta e cinco por cento do PIB será feito por brasileiros para brasileiros.

2- O grande gerador de emprego no mundo inteiro não é a grande empresa, e sim a pequena e a média. Quem emprega 97,3% da força de trabalho hoje em dia são a pequena e a média empresa, bastante esquecidas ultimamente nas prioridades econômicas do governo.

(...)

(Stephen Kanitz - Ponto de Vista - Rev. Veja, 25/03/98)

Comentários

Note que o tema do fragmento é colocado por meio de interrogação, o que acentua o seu caráter de polêmica, de debate, isto é, a sua contextualização como um texto dissertativo: *Nossos filhos terão emprego?*

Na enumeração de **fatos concretos**, isto é, de argumentos particulares por meios dos quais o leitor vai sendo induzido a refletir sobre o problema discutido, tanto o argumento 1 - que defende a resposta não - ; quanto os argumentos 1 e 2 - que por sua vez defendem a resposta sim - exemplificam o processo de argumentação por enumeração/estatística.

No final do texto, o autor chega a uma conclusão, na qual enfim aparece o seu ponto de vista, que mescla as duas direções em que a argumentação foi desenvolvida: *Não querendo deixar a impressão de que tudo será fácil nem de que estamos no caminho certo, quem decifrar o seguinte enigma não terá de se preocupar: no futuro faltarão empregos, mas não faltará trabalho.*

b) Argumentação por Analogia

O raciocínio a partir de comparação, de semelhanças, é um dos processos básicos da indução: por meio de algumas semelhanças observadas entre dois objetos, concluímos outras, prováveis. Ou seja: o que vale para X, provavelmente vale para Y, visto que eles são semelhantes em muitos aspectos.

Para formular corretamente o raciocínio analógico, é fundamental que as semelhanças entre os objetos sejam muito mais relevantes, muito mais importantes que as diferenças.

O grande problema desse tipo de indução é a analogia inadequada, como por exemplo a que não leva em conta as diferenças, as especificidades daquilo que foi comparado.

Leitura de um exemplo de argumentação por analogia

Jô Soares é o bobo da corte Tucana

Há semelhanças entre o "Jô Soares Onze e Meia" e o governo Fernando Henrique Cardoso. Ambos estão cada vez mais grotescos, ambos recorrerem cada vez mais à bufonaria, mas não perdem o seu prestígio intelectual. No caso do governo, é evidente que entrou em clima de fim de feira, que vive a hora da xepa. El Rey troca um ministro da justiça patético por outro igualmente espantoso enquanto aguarda sentado pela aclamação das massas nas urnas. Sua audiência está, por assim dizer, garantida. Depende apenas da capacidade de El Rey cozinhar os cinco meses que lhe restam em banho-maria até que venha a nova glória.

"Jô Soares Onze e Meia" é o programa ideal para esses tempos de tédio, de cinismo e de despotismo ilustrados. O apresentador é o bobo da corte Tucana. Capaz de se comunicar em várias línguas, sempre por dentro de tudo, sempre atento ao que se passa no mundo, das artes, sempre criativo e bem-humorado, ele consegue entreter um público que se pretende cosmopolita, que se deslumbra com as "maravilhas" do mundo globalizado, mas que, ao mesmo tempo, faz questão de permanecer fiel às "coisas bem brasileiras".

Na fauna nativa, Jô Soares pertence à espécie *Homo tucanos brasiliensis*. Por trás de seu verniz de civilidade, é responsável por um programa simplesmente infame.

O fato de que seja um entrevistador em geral desinformado, claudicante e afoito talvez seja o menor de seus defeitos. Muito pior do que essas deficiências técnicas é a sua egolatria, são as suas maneiras pegajosas, a sua intimidade excessiva com a high society, a sua vocação de promiscuidade com os poderosos. Caetano Veloso, na sua boca, vira "Caê"; a primeira-dama é simplesmente "Ruth"; o ex-presidente José Sarney toma-se o "Zé".

Seu programa, além disso, vem se transformando quase que exclusivamente num bazar para amigos e numa revista de futilidades chiques. É o *Ratinho das elites*.(...)

(Fernando de Barros e Silva - Crítica – TV Folha - 19/04/98)

Comentários

Este trecho pertence a um exemplo contundente e corajoso de jornalismo opinativo; embora possamos discordar da analogia que faz entre o programa de Jô Soares e o governo FHC, não há como negar sua clareza de estruturação, sua coerência ao induzir o leitor a reconhecer a validade as idéias que defende.

c) O Argumento de Autoridade

Quando recorremos ao testemunho de alguma autoridade para apoiarmos o ponto de vista, a opinião que estamos defendendo, estamos nos utilizando do argumento de autoridade.

Entretanto, para que esse tipo de argumento seja considerado logicamente válido, é necessário levar em conta certas condições:

- a autoridade invocada, além de "autoridade no assunto em questão", deve ser reconhecidamente digna de confiança;
- não deve haver uma autoridade semelhante que afirme o contrário, quanto ao mesmo assunto;
- deve haver adequação entre o tipo de autoridade invocada e o contexto de criação do argumento, a fim de não ocorrer transferência indevida de campo de competência: a autoridade no campo X opina sobre o campo Y. Lembre-se, por exemplo, dos textos publicitários, em que pessoas do meio artístico - rádio, cinema, televisão - têm sido solicitadas para provar a "qualidade" de inúmeros produtos de consumo...
- não se deve esquecer que as autoridades também podem errar: a conclusão desse argumento, como a de todos os argumentos indutivos é mais ou menos provavelmente verdadeira.

Além disso, é necessário cautela para se lançar mão do argumento de autoridade: sua utilização demasiada pode nos ir levando a, em vez de pensar com a própria cabeça, apoiarmo-nos sempre nos outros e assim deixar sem sujeito, sem vida própria, o nosso texto.

Leitura de exemplos de argumento de autoridade

trecho de entrevista:

P: A pessoa normal existe?

R: Procuramos evitar o critério de normalidade. Fico com a definição de Freud, de que se você é capaz de amar e de trabalhar, de se relacionar, você tem as bases da humanidade.

(Hanna Segal – entrevista publicada pela Revista Veja - 22/04/98)

Comentários

Neste fragmento de entrevista, a entrevistada por si mesmo constitui um argumento de autoridade, pois é uma psicanalista de renome, uma especialista mundialmente respeitada, em sua área de conhecimento. Mesmo assim, ela menciona Freud, o fundador da psicanálise, para justificar o ponto de vista que defende.

d) O argumento contra o homem

Assim como há fontes que servem como sustentação de uma determinada conclusão, fundamentando-a com sua autoridade, também se pode demonstrar a falsidade de uma conclusão exatamente porque determinada fonte a afirma. Para isso, é necessário que se trate uma fonte que tenha reconhecidamente acumulado erros e equívocos quanto ao tema em debate.

Por exemplo: podemos invocar posições nazifascistas para invalidar determinadas posições sobre liberdade, democracia, humanismo etc.

Para se usar o argumento contra o homem é necessário que a pessoa ou entidade invocada seja reconhecidamente equivocada no assunto em questão, quer dizer, deve se tratar de uma espécie de anti-autoridade; de uma autoridade no que não se deve fazer...

Esse argumento, assim como o argumento de autoridade, é formulado muitas vezes de modo não válido, a partir da transferência indevida de campos etc. Precisamos, portanto, ser criteriosos em sua utilização.

Leitura de um exemplo de argumento contra o homem

O ex-presidente, Fernando Collor, resgatou o modelo do político hipérbico, exacerbando-o: tudo nelle e delle e por elle era grandioso e fantástico. O melhor uísque, as melhores gravatas, as mais caras festas e viagens, o dedo em riste na cara dos adversários, palavrões, gestos obscenos, grosserias públicas dirigidas à mulher etc. Venceu a barreira do som em avião supersônico, exibiu músculos em vários esportes, elaborou planos mirabolantes para tirar o país do buraco subdesenvolvido. O resto é História, todos já sabem: deu no que deu.

Se é verdade que a História ensina, cabe aos futuros políticos a lição de que o exercício da presidência de um país transcende a volúpia de egos inflados.

(prof. Cacá Moreira de Sousa - mimeo)

Comentários

Neste parágrafo, a trajetória de Fernando Collor na presidência do país é resgatada com forte expressividade estilística e capacidade crítica, para induzir o leitor a utilizá-lo como fato-exemplo daquilo que se coloca implicitamente como ponto de vista no primeiro parágrafo e se explicita, por meio de raciocínio condicional, no segundo: o exercício da presidência de um país transcende a volúpia de egos inflados.

4 - Argumentação e persuasão

“A resposta de Miguel de Unamuno aos fascistas espanhóis que pregavam a argumentação dos punhos e dos revólveres”, foi: “Vocês venceram, mas não convenceram; pois, para convencer é preciso persuadir”.

(Severino Antônio / Emília Amaral - Escrever é Desvendar O Mundo, Campinas, Papirus, 1987)

Na prática, nem sempre se percebe com clareza a diferença entre convencer e persuadir, mas se trata de um ponto importante, que precisamos considerar, a fim de aprimorarmos a qualidade argumentativa de nossos textos dissertativos.

De acordo com Chaim Perelman:

Em sentido estrito, o ato de convencer é obtido por meio de provas que têm como horizonte a “verdade” e hipoteticamente dirige-se a um “auditório universal” (formado por todo ser racional). O ato de persuadir implica, por sua vez, a ação de mobilizar o interlocutor, pertencente a um “auditório particular” (formado exclusivamente por ele), sensibilizando-lhe o corpo, a imaginação, o sentimento, a emoção, a ideologia, enfim, tudo quanto não é, mas aparenta ser, razão.

(Chaim Perelman, Lucie Olbrechts-Tyteca - Tratado da Argumentação - São Paulo, Martins Fontes, 1996)

Em outras palavras, podemos afirmar que **enquanto convencer é um exercício lógico, que implica sobretudo um intercâmbio intelectual, persuadir é um exercício retórico, que implica mobilização de emoções e de valores ideológicos, de forma escamoteada, isto é, revestida de uma aparência de lógica.**

Sendo assim, quando nos preocupamos mais com o caráter racional da recepção de nosso texto, como por exemplo na realização de um trabalho científico, convencer é mais importante do que persuadir. Inversamente, quando estamos mais preocupados com o resultado do processo argumentativo, como por exemplo na realização de uma peça publicitária, persuadir é mais importante do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação.

Nessa direção, alguns teóricos diferenciam o texto dissertativo do texto argumentativo. De acordo com eles, no primeiro a preocupação é expor, explanar, explicar, interpretar idéias, apenas querendo demonstrar uma tese, convencendo o interlocutor de sua validade racional. Já o segundo pretende, além disso, justamente persuadir, formar opinião, influenciar.

Podemos relacionar tal classificação com a preocupação de **esclarecer convencendo**, que estaria ligada ao **dissertar**; e a de **impressionar agradando**, por sua vez ligada ao **argumentar**.

Na verdade, como já vimos em outros momentos desta apostila, acreditamos que ambas as coisas devem coexistir no mesmo texto, embora nele possa predominar uma delas, em função de seu contexto de produção. **Em síntese, um texto dissertativo no fundo também é argumentativo, tanto quanto uma tentativa de convencer no fundo também é uma tentativa de persuadir.**

● Falácias

"Existe a persuasão válida, que é aquela em que expomos com clareza os motivos que fundamentam nossa posição - e o interlocutor pode perceber e questionar cada passo de nosso raciocínio - e a persuasão não válida, em termos lógicos.

A persuasão não válida é aquela em que o interlocutor não tem consciência de que está sendo persuadido, nem pode perceber e questionar os elementos do processo de persuasão. Por exemplo, as apelações e chantagens sentimentais, as jogadas com as inflexões de voz e com a mímica, os apelos subliminares às necessidades não conscientes etc." Este tipo de persuasão é realizado sobretudo por meio de **falácias**.

(Severino Antônio / Emília Amaral - Escrever é Desvendar O Mundo, Campinas, Papirus, 1987)

Devemos saber reconhecer os argumentos falaciosos: aqueles tipos de raciocínios nos quais há erros lógicos, mas que podem funcionar e muitas vezes funcionam, isto é, persuadem, por serem bem estruturados do ponto de vista retórico.

Para aprendermos a refutar teses de que discordamos, para exercitarmos a contra-argumentação e também para aprofundarmos o nosso estudo sobre processos argumentativos, é necessário conhecer os tipos mais comuns de falácias, como passaremos a fazer.

● Principais tipos de falácias

1 - Argumento terrorista: afirmar que o contrário do que o que está sendo defendido resultaria em uma consequência prática desastrosa.

Ex: Se você não concordar comigo, certamente falará sozinho durante o debate.

Comentários

A premissa (no caso, uma condição) não é relevante para justificar a conclusão, pois outros fatores (como por exemplo a presença de outras pessoas no debate), podem contradizer o que está sendo afirmado. Coação, ameaças ou intimidação, com elementos subentendidos, como nesse exemplo, não têm lugar numa argumentação lógica.

2 - Argumento contra o homem: denegrir a imagem de uma pessoa e/ou fonte, com vistas a comprometer aquilo que afirma.

Ex: Aquele deputado que foi cassado por conduta criminosa defende a adição de flúor à água potável para o abastecimento da cidade. Logo, não devemos adicionar flúor à água potável para o abastecimento da cidade.

Comentários

Apesar de a declaração ter como agente uma fonte que não é confiável, isso não tem relação com o fato em si: adicionar flúor à água potável para o abastecimento da cidade. Rejeitar a opinião simplesmente por ser repreensível a figura que a proferiu, sem verificar se é válida ou não ao nível dos fatos, constitui um dos exemplos mais comuns do uso falacioso do argumento contra o homem.

3 - Argumento por ignorância: uma idéia é demonstrada como verdadeira porque não se demonstrou sua falsidade.

Ex: Ninguém ainda provou que Deus existe. Portanto, Deus não existe.

Comentários

Este raciocínio é falacioso por apelar para a ignorância; não podemos ter nenhuma conclusão a respeito da existência de Deus baseados apenas em nossa incapacidade de prová-la.

4 - Erro de acidente e/ou observação inexata: generalização apressada, imprecisa, parcial; com ambigüidade resultante da ênfase de uma parte, em detrimento do todo.

Ex: No fim de semana retrasado choveu, enquanto durante toda a semana tinha feito sol; o mesmo ocorreu no fim de semana passado. É claro que no próximo fim de semana vai chover de novo...

Comentários

Perceba como é baixa a probabilidade indutiva desse argumento: dois exemplos dificilmente são suficientes para garantir uma conclusão como a colocada... A falácia decorre da pressa com que se fez a generalização.

5 - Falso axioma: partir de afirmações aparentemente inquestionáveis, mas na verdade preconceituosas.

Ex: O jovem é alienado. Logo, ele não se interessa pela cultura nem tem consciência social.

Comentários

A premissa parece inquestionável, mas não é. Ela peca por generalização indevida e também por ser, no fundo, a expressão de um preconceito, convertida em axioma. A conclusão possui os mesmos problemas, invalidando e tornando falacioso o raciocínio.

6 - Ignorância da questão: fugir dos fatos e apelar para a emoção.

Ex: Por favor, funcionário, você está vendo aqui o meu bebê? Ele está doente, começou a chorar por um doce e, então, precisei levá-lo à doceira antes de pegar o carro no estacionamento. Sendo., assim, você não deveria cobrar mais pelo valor do tíquete.

Comentários

Observe que o argumentador apela para a piedade do funcionário, fazendo com ele chantagem sentimental e assim sendo claramente irrelevante em termos lógicos.

7 - Petição de princípio / círculo vicioso / tautologia: apresentar a própria declaração como prova dela, admitindo como verdadeiro o que está em discussão.

Ex: Nudez pública é imoral porque é uma ofensa evidente.

Comentários

Repare que ambas as afirmações dizem a mesma coisa: a premissa (*Nudez pública é uma ofensa evidente*) está reformulada como conclusão (*Nudez pública é imoral*).

8 - Ignorância da causa ou falsa causa: relacionar mal causa e consequência, atribuindo como verdadeira causa de algo o que na verdade é simples aparência ou coincidência; colocar o que vem antes como causa do que vem depois.

Ex: Todo profeta ou messias é um líder carismático. Portanto, o exercício de liderança é um caminho para uma inspiração religiosa.

Comentários

A premissa é dúbia, mas, mesmo que fosse verdadeira, ela não torna a conclusão provável. A correlação entre liderança e inspiração não pode gerar a conclusão de que a primeira causa a segunda. É bem mais provável pensar o contrário: inspiração religiosa pode motivar liderança... Não se trata, entretanto, de uma conclusão inevitável. Existem outras possibilidades lógicas, não consideradas no argumento (ex: um fator genético ou social pode ser responsável por ambas as qualidades: inspiração religiosa e liderança, elas podem ser apenas coincidentes etc).

9 - Falsa analogia e/ou probabilidade: a partir de determinadas coisas explicar outras, criando hipóteses e não certezas e/ou induções imperfeitas.

Ex: Casamentos são como corridas de cavalo. Alguns são vitoriosos, enquanto outros estão fadados ao fracasso logo de saída. Assim, verifique seus concorrentes antes de fazer a aposta.

Comentários

Além de analogia falsa, por não ser relevante para a conclusão, esse argumento possui outro problema, de que resulta o primeiro: a linguagem excessivamente vaga. Qual o significado de dizer "fazer aposta" num casamento? Quem faz essa aposta? Os próprios parceiros? Os espectadores? Que tipo de casamento é um fracasso? Embora o conselho implícito na conclusão possa, num certo sentido, estar correto, isso não ocorre pelas razões encontradas no argumento.

5 - A estrutura da dissertação: introdução / desenvolvimento / conclusão

Quando precisamos escrever, imediatamente começamos a nos perguntar como começará o texto, ou seja, como será a **introdução**? O que virá depois, o que colocaremos no **desenvolvimento**? E no final, como conseguiremos compor a **conclusão**?

É fundamental que o texto dissertativo tenha uma estruturação clara, inteligente e interessante, quer dizer, que seja ao mesmo tempo convincente e persuasiva.

Que elementos são importantes para consegui-la?

Uma sugestão é utilizar o modelo da estrutura da **dissertação clássica**; em sua essência, ele repete o esquema do **parágrafo padrão**.

Vamos conhecê-lo. Primeiro, apresentamos uma introdução que inicie e envolva o leitor na discussão, claramente delimitando o tema e o ponto de vista a ser defendido. Depois, criamos um desenvolvimento, em que apareçam os processos de argumentação: o(s) porquê(s), o(s) exemplo(s) etc. Finalmente, elaboramos uma conclusão que mostre ao leitor que o nosso raciocínio está se encerrando e que o texto está chegando ao fim.

Este é o exemplo de estruturação que tem sido largamente praticado e que apresenta uma clara organização de idéias. Não se trata de um modelo único, mas de uma proposta clara e eficaz.

Leitura de um exemplo de Dissertação Clássica

(fragmento de entrevista)

P: Como saber se a teoria psicanalítica é sólida.

INTRODUÇÃO - APRESENTAÇÃO DO PONTO DE VISTA

Nenhuma ciência é definitivamente correta. Sempre há teorias novas, e compreensões novas. Mas há descobertas que são irreversíveis.

DESENVOLVIMENTO - APRESENTAÇÃO DOS ARGUMENTOS

A astronomia moderna, por exemplo, é bastante diferente da de Copérnico, mas ninguém, hoje, pode acreditar que a Terra é plana e que o Sol gira em torno dela. O mesmo se aplica à teoria psicanalítica. Desde a descoberta da sexualidade infantil, da agressividade e da descoberta de processos do inconsciente vitais para a nossa vida consciente, ninguém mais pode achar que os primeiros anos de vida e a infância não formam o nosso caráter.

CONCLUSÃO - REAFIRMAÇÃO DO PONTO DE VISTA (acrescentando-lhe outros elementos)

Concluindo, vou repetir a frase que escrevi com W. R. Bion e H. Rosenfeld para o obituário de Melanie Klein: “Toda a ciência busca a verdade. A psicanálise é única por acreditar que a busca da verdade é, em si, um processo terapêutico”.

(Hanna Segal – entrevista publicada pela revista Veja – 22/04/98)

Comentários

A autora defende brilhantemente a tese da irreversibilidade das descobertas científicas, utilizando-se do modelo da dissertação clássica e de um conjunto de argumentos que vale a pena mencionar: primeiro, relativiza seu próprio ponto de vista (*Nenhuma ciência é definitivamente correta.*), mostrando-se pouco extremista e portanto bastante persuasiva; depois, utiliza-se de um fato-exemplo realmente incontestável; em seguida, faz uma analogia entre a astronomia e a teoria psicanalítica e, finalmente, cita um trabalho seu, com mais dois colegas, para reafirmar o que defendeu, agora se utilizando de argumento de autoridade.

Conclusão importante

Evidentemente, podem ser utilizados outros tipos de estruturação dissertativa.

Entretanto, precisamos saber que, de um modo geral, a introdução do texto dissertativo, o seu primeiro parágrafo, já delineia como será feita a organização lógica das idéias. Assim, é muito importante criar com lucidez e riqueza de recursos a abertura do texto, uma vez que a sequência do raciocínio depende do encaminhamento que o início propõe.

● Sugestões de introdução

Vamos ver agora, alguns elementos que podem estar presentes na introdução de um texto dissertativo, como recursos expressivos que subsidiam a colocação do ponto de vista:

Indagação do tema: começar uma dissertação com perguntas cria o contexto de debate, característico deste tipo de texto, além de ser um convite à parceria do leitor na reflexão, uma vez que as conclusões parecem abertas, a se fazer ao longo do texto.

Exemplo:

Computador? Televisão? Avião? Já que está começando a temporada de balanço do século XX, pergunta-se: qual a invenção que mais marcou, ou as invenções que mais marcaram, esses 100 anos?

(Roberto Pompeu de Toledo – Ensaio – ver. Veja – São Paulo, 15/04/98)

Citação: na citação mencionamos ou transcrevemos uma opinião decorrente da experiência vivida ou relatada (citação informal); ou de uma passagem de livro, revista etc. (citação formal), que servem como apoio na colocação de nosso ponto de vista.

Citação informal

Exemplo:

Por um breve momento, diz Griffith - com a invenção do cinema -, deu-se uma aparição: a beleza do vento soprando nas árvores. Algo que não se mostra de imediato a todos os olhos, que não se deixa facilmente retratar. Um esplendor que, entretanto, acabaria desaparecendo - talvez para sempre - dos filmes.

(Nelson Brissac Peixoto - Ver o Invisível: A Ética das Imagens - Ética, - São Paulo, Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1992)

Citação formal

Exemplo:

Quando nos apaixonamos, quanto amamos, o ser amado nos aparece como inserido na natureza. Na época de seu relacionamento com Rilke, Lou Andrés-Salomé escreve, num ensaio sobre o amor: "O ato sexual é o meio pelo qual a vida nos fala, como se o amante não fosse apenas ele mesmo, mas também a folha que treme sobre a árvore, o raio que cintila sobre a água - mágico da metamorfose de todas as coisas, uma imagem explodida na imensidão do Todo, de tal modo que nos sentimos em casa onde estivermos".

(Luzilá Gonçalves Ferreira - Lou Andreas-Salomé: A Paixão Viua – Os Sentidos da Paixão, São Paulo, Funart/Companhia das Letras, 1987)

Definição: com a definição caracterizamos de maneira sintética o assunto sobre o qual dissertaremos, delimitando-o e explicitando em que sentido iremos explorá-lo.

Exemplo:

Paixão triste, o medo é e sempre será paixão, jamais transformando-se em ação do corpo e da alma. Sua origem e seus efeitos fazem com que não seja uma paixão isolada, mas articulada a outras formando um verdadeiro sistema de medo, determinando a maneira de sentir, viver e pensar dos que a eles estão submetidos.

(Marilena Chauí - Sobre o medo - Os Sentidos da Paixão, São Paulo, Funart/Companhia das Letras, 1987)

Fato-exemplo: um fato-exemplo, na medida em que dá concretude e materialidade ao início do texto, facilita a colocação do ponto de vista e ajuda a engajar o leitor na leitura.

Exemplo:

Um amigo meu se matou, já faz bastante tempo, mas sua imagem povoa, com frequência, a minha cabeça. Lutei junto com ele, longamente - contra a morte dele. Através da amizade, da inteligência e do coração - lutamos contra a morte dele. Ou melhor: lutamos contra a morte, a dele, a minha, a de todo mundo. Viver é, em última análise, lutar contra a morte...

(Hélio Pellegrino - A Burrice do Demônio - Rio de Janeiro, Rocco, 1988)

Conversa com o leitor: trata-se de uma forma de introdução muito persuasiva na medida em que convoca o leitor, o interlocutor, a participar de nosso ponto de vista, nossa opinião.

Exemplo:

Você tem tempo de ler este artigo? Se não tiver, paciência. Pelo menos assim você estará inadvertidamente ajudando a ilustrar o argumento que ele defende. Obrigado pela força. Mas, se você tiver, só me resta pedir a sua paciência e compreensão. Espero que você não se arrependa, após a leitura, de ter perdido o seu tempo, e que o meu argumento encontre alguma ressonância em sua própria experiência.

(Eduardo Giannetti - Folha de São Paulo, 16/04/98)

Analogia / comparação: estabelecer pontos de semelhança entre coisas diferentes, comparar, é um modo criativo e provocador de introduzir a discussão de um tema.

Exemplo:

O futebol pode ser comparado a um grande gênero literário. Dispõe de um espetáculo, de uma rede de comentários, tem regras e ritual definido. A objeção, no caso, seria a de que uma partida não vem a ser uma ficção: uma jogada, afinal, é para valer, pertence à praxis (e não à poíesis) e, além do mais, o que vale para o futebol vale para todos os esportes, e assim meu argumento ficaria sem valor etc.

(Antônio Medina Rodrigues - A Palavra e o Futebol - Rev. Livro Aberto - agosto/1996)

Pequeno resumo do texto: trata-se de colocar no primeiro parágrafo, as dimensões da questão que será discutida, caminhando do todo às partes, do geral às características particulares.

Exemplo:

De acordo com a utilização, os meios de informação de massa podem promover o desenvolvimento do indivíduo, a coesão e o progresso dos países, bem como a compreensão e a paz internacionais, apresentando a cada povo uma imagem mais autêntica e mais completa da vida dos outros povos, ou então tomar-se o novo ópio das massas, provocar a desagregação de valores e passar a ser um instrumento de dominação cultural.

(Documento da Unesco/76)

Dados estatísticos: tais dados são fortes exemplos, geralmente de conhecimento público, com os quais damos autoridade à introdução de nosso texto.

Exemplo: .

Desafiar limites, correr riscos e passar por emoções fortes está virando brincadeira de crianças... Entre os cerca de 20000 brasileiros que praticam regularmente o alpinismo, calcula-se que pelo menos 1.000 sejam crianças.

(Rev. Veja - ano 31, no. 10, março de 1998)

Metalinguagem: chamamos de metalinguagem o anúncio pelo autor da reflexão que vai fazer sobre o tema proposto - linguagem que expressa a linguagem: explicitação do tema do qual se vai falar - uma espécie de definição.

Exemplo:

Esta primeira conferência será dedicada à oposição leveza-peso, e argumentarei a favor da leveza. Não quer dizer que considero menos válidos os argumentos do peso, mas apenas que penso ter mais coisas a dizer sobre a leveza.

(Ítalo Calvino - Seis Propostas para o Próximo Milênio, São Paulo, Companhia das Letras, 1990)

6 - Características da linguagem dissertativa

Temos visto que a linguagem constitui o elemento que engloba os demais, quando produzimos qualquer tipo de texto. Na medida em que é feito de palavras, o texto bem sucedido é aquele em que as palavras se combinam, se organizam, de forma adequada.

Sobre o texto dissertativo, em particular, vamos tecer algumas considerações importantes:

- **evitar palavras difíceis e frases de efeito**

As palavras com as quais escrevemos o que pensamos devem ser **palavras nossas**, palavras que fazem parte do nosso universo, não aquelas que mal conhecemos, aquelas que parecem "enfeitar" o texto mas que na verdade só o prejudicam.

As palavras "difíceis" e as "frases de efeito", por exemplo, às vezes usadas com a intenção de "impressionar" o leitor, podem tornar confusas, e mesmo ininteligíveis, as idéias que queremos expor. Isto porque, se não dominarmos o que significam, se não tivermos clareza sobre os sentidos que possuem, corremos o risco de alterar, distorcer e mesmo inverter o nosso raciocínio, elaborando um texto contraditório, complicado, confuso.

Além de criarem equívocos do ponto de vista lógico, as palavras artificialmente utilizadas em redação podem impessoalizá-la, isto é, torná-la sem vida, inexpressiva, carente da presença de seu sujeito, de seu autor.

Exemplo Comentado

Oratória sem não fala! (exemplo retirado de uma manchete de jornal)

Comentários

Observe que a tentativa de criar uma frase "de efeito" resultou numa afirmação duplamente contraditória: primeiro porque não existe oratória, que é a arte de falar, sem voz... Segundo, pela expressão não fala, que torna redundante (repetitivo) o erro lógico já cometido.

- **estar atento aos elementos de coesão utilizados no texto**

Outro ponto importante com relação à linguagem dissertativa diz respeito aos elementos de coesão que a organizam, pois se trata de um tipo de texto no qual os elos entre as palavras de uma frase; as frases de um período; os períodos como partes de um todo são de fundamental relevância, em termos de organização de linguagem.

Na medida em que envolve nexos, ligação, conexão entre palavras, frases e períodos, a coesão possui como elementos constitutivos principalmente as conjunções, os pronomes relativos e os sinais de pontuação.

O uso adequado destes elementos nos ajuda a explicitar as nossas idéias, a mostrar as relações entre elas e a ordená-las com clareza e coerência.

Exemplos comentados

Veja, agora, fragmentos de textos dissertativos com problemas de incorreção vocabular e de coesão:

a) Podemos abordar um tema que, creio eu, todos pensam e dissertam sobre o próprio. A juventude e a velhice. A meu ver, cria-se uma certa **antagonia** de desejos e interesses entre essas duas fases etárias.

Comentários

Dentre outros problemas, este parágrafo toma-se ilegível pela utilização de uma palavra que claramente não pertence ao universo do autor da redação. Trata-se da palavra com a qual o estudante pretendeu se referir à oposição entre juventude e velhice: antagonismo,

que foi colocada no feminino e distorcida em termos morfológicos. Além disso, há a confusão entre faixas e fases etárias...

Este período apresenta, ainda, um problema de coesão textual, que pode ser resolvido por meio de um pronome relativo e da substituição de um ponto final por dois pontos: *Podemos abordar um tema sobre o qual, penso eu, todas pensam e dissertam: a juventude e a velhice...*

b) Talvez o jovem até entenda o mundo, pois não sabe explicar aos velhos a maneira como o entende.

Comentários

A conjunção **pois**, que dá a idéia de **causa**, deve ser substituída por uma conjunção como **mas**, que significa oposição, contradição, para a frase se tornar clara. Exemplo: *Talvez o jovem até entenda o mundo, mas não sabe explicar aos velhos a maneira como o entende.*

c) O sonho é essencial para nossas vidas, portanto sem o sonho não conseguiríamos lutar concretamente por um mundo melhor.

Comentários

Aqui, outra conjunção inadequada. Em vez de **portanto**, que dá a idéia de **consequência**, colocar **pois** ou **porque**, explicitando a **relação de causalidade** da frase. Exemplo: *O sonho é essencial para nossas vidas, porque sem ele não conseguiríamos lutar concretamente por um mundo melhor.*

• evitar ambigüidades, redundâncias e clichês

Vamos, primeiro, definir cada um desses problemas, que empobrecem a linguagem da dissertação:

Ambigüidade: ocorre ambigüidade num texto dissertativo quando escrevemos de tal modo que o que dizemos passa a ter mais de um sentido, tornando confusa a idéia que queríamos expressar.

Redundância: a redundância decorre do excesso de palavras, do seu uso repetitivo, desnecessário, em relação ao que estamos querendo expressar. Um texto redundante pode se tornar caótico, pode levar a extrapolações que prejudicam a necessidade de economia, de objetividade da dissertação.

Clichês: são os famosos chavões, as frases-feitas, os lugares comuns. Além de revelarem uma linguagem desgastada, repetitiva, uma linguagem sem vida própria, os clichês são anti-dissertativos na medida em que expressam os preconceitos, as "verdades absolutas", "inquestionáveis", do senso comum.

Exemplos Comentados

Vamos reconhecer nos exemplos a seguir a presença de ambigüidades, redundâncias e/ou clichês, e também vamos perceber como reescrevê-los, com clareza e coesão:

a) Moradores reivindicam centro de saúde com criatividade.

Comentários

Para a frase ficar mais clara seria necessário desfazer a ambigüidade: *Moradores reivindicam, com criatividade, centro de saúde.* Esta ambigüidade nos pode fazer pensar que a expressão com criatividade refere-se ao tipo de centro de saúde reivindicado.

b) Sexo? Só com os pais.

Comentários

Aqui, a ambigüidade nos leva a várias leituras. que sexo é coisa só dos pais, que se deve fazer sexo só com os pais e, finalmente, a idéia que se tentou expressar: os jovens devem informar-se sobre sexo só com os pais.

c) O barulho causado pelo tiro causou muito barulho.

Comentários

Além dos problemas de clareza e de sonoridade causados pelas repetições - barulho, causado, causou - há ambigüidade no segundo momento em que aparece a palavra barulho: pode ser barulho no sentido de ruído ou barulho no sentido de agitação, tumulto. Sugestão de correção: *O barulho decorrente do tiro causou muito tumulto.*

d) O homem nasce, cresce e morre, após muito sofrimento. Ele não vive mais, ele vegeta na sua selva de pedra, mas o amor faz com que a vida valha a pena, porque quando se ama de verdade se atinge a total felicidade. Portanto, só o amor constrói.

e) Na sociedade consumista em que vivemos o homem não tem mais senso crítico, ele só tem senso comum. Ele é manipulado pela elite que domina os meios de comunicação, pelos opressores que dominam os oprimidos explorando-os, transformando-os em verdadeiros robôs do sistema.

f) Nesta selva de pedra em que se vive o homem se transforma em máquina. Tudo o que ele faz é como se a máquina o fizesse: o homem não pensa mais, virou um robô, uma peça de engrenagem, um ser massificado, uma vítima do sistema, um robô da tecnologia vigente, um ser inconsciente e alienado. O homem se transformou enfim em máquina e não tem nenhuma consciência disso.

Comentários de d, e, f

Três exemplos de parágrafos prejudicados, em termos dissertativos, pelos clichês ou lugares-comuns. Repare que as expressões **selva de pedra**, **senso crítico**, **senso comum**, **robôs do sistema**, **manipulação pela elite dominante**, dentre outras, tornam-se estereotipadas devido à repetição. A repetição ou redundância faz com que seu uso seja aleatório, isto é, independa do assunto em discussão. Assim, estas expressões acabam se esvaziando de sentido, não por si mesmas, mas pelo fato de se converterem em recursos artificiais, tautológicos, que se afastam do contexto argumentativo.

A sugestão para melhorar os três exemplos é "enxugar", diminuir as afirmações apresentadas, os pontos de vista que estão redundantes, repetitivos, e esclarecê-los, fundamentá-los com argumentos, fatos-exemplos etc.

● explicitar Pressupostos / Subentendidos / Interlocutores

Precisamos cuidar para que o nosso texto não fique incompreensível pela ausência de informações relevantes, não só quanto às etapas de nosso raciocínio, que devemos explicitar, mas também quanto aos pressupostos e/ou subentendidos.

Pressupostos e/ou subentendidos são os elementos que fazem parte do universo da oralidade, como por exemplo expressões do tipo: aquela casa, ele, aqui, ali, ontem, isso, tudo etc. Tais elementos, numa situação de fala, explicam-se através de gestos, de entoação, de recursos decorrentes da presença de um interlocutor, de alguém com quem se conversa.

No contexto dissertativo, temos outra situação de linguagem: primeiro, trata-se do uso de linguagem escrita, o que significa a ausência de um interlocutor a quem nos dirigimos diretamente. Segundo, esta linguagem se caracteriza pela formalidade, quer dizer, pelo respeito às normas gramaticais.

Assim, geralmente torna-se necessário indeterminar, deixar implícito o para quem de nossas dissertações, além de pluralizar, quando possível, a voz que nelas se coloca. Em outras

palavras, estamos nos referindo ao caráter de reflexão genérica, generalizadora, típico desse tipo de texto.

O mito de que a primeira pessoa do singular não pode aparecer numa dissertação deve ser, portanto, ignorado.

Por isso, em vez de omitir-se enquanto sujeito da sua redação dissertativa você precisa saber o momento de se colocar, e também a melhor forma de fazê-lo.

À necessidade de generalização e de uso de linguagem formal soma-se a de explicitação de **pressupostos e/ou subentendidos** como traços marcantes do texto dissertativo, como veremos no exemplo a seguir:

Exemplo Comentado

Considero (1) o homem um ser racional e cheio de imaginação.

Por isso, se **você (2)** pensar bem perceberá que **isso (3)** o diferencia dos outros seres vivos, incapazes do raciocínio e do devaneio.

Comentários

(1) Esta afirmação não necessita de primeira pessoa do singular, na medida em que se refere a qualidades humanas coletivamente reconhecidas.

(2) Aqui, o interlocutor deve ser indeterminado ou não, em função do tipo de dissertação que você escolher.

(3) A substituição deste pronome demonstrativo torna a passagem menos coloquial e mais formal, de acordo com as características da linguagem dissertativa.

Sugestões de adequação:

(A) O homem é um ser racional e também cheio de imaginação. Por isso, pensando bem se perceberá que estas características o diferenciam dos outros seres vivos, incapazes, do raciocínio e do devaneio.

(B) Sabemos que o homem é um ser racional e também capaz de desenvolver a imaginação. Por isso se pensamos bem, perceberemos que tais características o diferenciam dos outros seres vivos, incapazes do raciocínio e do devaneio.

7 - Procedimentos anti-dissertativos (ou que devem ser evitados num texto dissertativo)

a) Sobre o tema:

em vez de:

fuga total do tema; ausência de tese (anuncia-se o tema, mas o enunciador não se posiciona); posicionamento claro, mas referente a uma idéia secundária e não ao tema central; ausência de uma delimitação precisa das idéias a serem exploradas;

é preciso:

saber delimitar o ponto de vista, a tese que será defendida, num contexto de debate, referente à questão mais ampla, ao assunto que esta em discussão;

b) Sobre a Estrutura:

em vez de:

introdução sem contextualização, ou com falsa contextualização; desenvolvimento com um único argumento (o exemplo fica maior que a análise); conclusão com idéias novas que fogem ao tema (ou com receitas, propostas de solução, finais róseos); falsa conclusão - uso inexpressivo da função metalingüística ("E para concluir...");

é preciso:

articular as partes do discurso, com unidade e coerência entre Introdução / Desenvolvimento / Conclusão; ponto de vista / argumentação; ~`

c) Sobre a Argumentação:

em vez de:

emprego exaustivo de argumentos cristalizados, geralmente os de exemplificação; incapacidade de analisar, de formular raciocínios lógicos; falta ou desperdício de dados; desarticulação dos argumentos; extensas enumerações de constatações óbvias (discurso vazio e prolixo); generalizações sem provas concretas (erro no raciocínio indutivo); particularizações indevidas (erro no raciocínio dedutivo)

é preciso:

articular com consistência lógica e eficácia retórica os argumentos, manipulando corretamente os dados e relacionando-os de modo coerente com os raciocínios a que se referem;

d) Sobre a Linguagem:

em vez de:

uso inadequado de elementos de coesão; falta de explicitação de pressupostos e subentendidos; presença de redundâncias, ambigüidades e clichês;

é preciso:

manter o equilíbrio entre a necessidade de articular o pensamento por meio dos elementos de coesão, da explicitação de pressupostos e/ou subentendidos e a necessidade, não menos importante, de evitar redundâncias; generalizar os interlocutores, pluralizando-os ou mantendo-os implícitos, ou então particularizá-los, de acordo com os tipos de afirmações que pedem o **eu** ou o **nós**; utilizar a linguagem formal, gramatical, característica do contexto dissertativo, sem torná-la retórica, ornamental, alienada da nossa maneira natural de exprimir o que queremos, o que pensamos, o que vivemos.